

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Participação Cultural e classes populares - narrativas individuais

Sérgio Filipe Santos Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado e Professor
Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Participação Cultural e classes populares - narrativas individuais

Sérgio Filipe Santos Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado e Professor
Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro 2024

Por uma cultura aberta a todos

Agradecimento

Não poderia deixar de começar por agradecer a todos os que tornaram esta dissertação pelas mais diversas razões, pelas mais diversas formas de apoio demonstradas ao longo de todo este processo.

A minha família. Terão de ser os primeiros mencionados nesta fase de agradecimento, pois sem eles nada disso seria possível. Mãe, Pai, Avós, Padrasto, Madrasta e Irmãs, por terem permitido que me aventurasse longe de casa para um projeto que, apesar de desconhecido para eles, encararam sempre com pensamento positivo e todo o apoio que poderia desejar e por isso, agradeço-lhes.

A Zita e Carlos, pois sem eles a minha vida em Lisboa teria sido bastante mais complicada e, quem sabe, este projeto seria bastante diferente, por isso uma palavra de agradecimento para eles.

Ao meu orientador, o Professor Doutor José Soares Neves pela sua grande sabedoria na temática, por sempre estar disposto a ajudar, quer através do seu vasto conhecimento e conhecimento de bibliografia, assim como no embelezar este processo de pesquisa que, embora tenha começado com uma ideia geral e meio confusa, foi ganhando forma com as nossas discussões e, como tal, estou bastante grato. Comigo ficará as aprendizagens e atenções que me transmitiu.

Não seria justo não mencionar todos os meus colegas e professores do ISCTE que em algum momento tenham entrado na minha vida nos últimos dois anos. Quer seja no decorrer do mestrado, quer em projetos extracurriculares, todos vocês tiveram um papel decisivo para esta dissertação.

Um grande obrigado aos entrevistados que aceitaram participar nesta minha ideia e comigo partilhar um pouco das suas vivências. Sem vocês isto seria, literalmente, impossível.

Por fim, a Maria Silva com quem partilhei tudo nestes últimos dois anos, inclusive esta aventura. Sem o teu constante apoio e presença nos altos e baixos deste projeto não sei como o teria terminado. A constante visão pragmática e focada que trazias para a nossa vida e este projeto, mesmo trabalhando na tua própria dissertação, bem mais trabalhosa, é sem sombra de dúvidas uma grande mais-valia. Por isso terás sempre a minha eterna gratidão.

Resumo

O direito de participação cultural é defendido pela Declaração Mundial dos Direitos Humanos, assim como a Constituição da República Portuguesa, como tal, os mais diversos agentes culturais desempenham um grande esforço para estabelecer um maior compromisso com os seus públicos. Entrem esses públicos inserem-se indivíduos com dificuldades socioeconómicas.

Portugal apresenta, quando comparado com outros países europeus, baixos índices de participação cultural, sendo que o perfil dos participantes tende a tecer uma imagem de indivíduos mais instruídos, socioeconomicamente mais confortáveis, arrastando, por vezes, certas comunidades para um perigo de exclusão cultural. Contudo, estas instituições culturais têm como missão a promoção de uma maior acessibilidade, inclusão social, promoção de bem-estar.

Embora uma análise da literatura da temática possa induzir em erro, a verdade é que existe uma vasta participação cultural da dita classe popular, com uma história bastante rica, destacando-se pela heterogeneidade das atividades realizadas, assim como em atividades culturais “eruditas”.

Na presente dissertação encontramos um estudo cingido ao distrito do Porto, com o recurso a entrevistas de carácter narrativo realizadas a três indivíduos com dificuldades socioeconómicas. Recolheram-se dados primários e secundários, resultando no confronto entre as duas perspetivas – a oferta e a procura, focando-se, principalmente, nesta última.

Os resultados obtidos mostram uma participação ativa na vida cultural por parte dos entrevistados, com referência aos interesses dos mesmos, assim como as limitações e impedimentos que enfrentam. Encontraram-se pontos de divergência e convergência entre as práticas culturais dos entrevistados e a literatura existente, assim como com a missão dos agentes culturais da cidade do Porto.

Palavras-Chave: Práticas culturais; Classe popular; Dificuldades socioeconómicas; narrativas de vida; cultura popular; cultura erudita.

Abstract

The right of cultural participation is defended on the Human Rights Declaration, as well as on the Constitution of the Portuguese Republic. As such, the conglomerate of cultural agents make a great effort to establish a greater commitment to their audiences. These audiences include people with socio-economic difficulties.

Compared to other European countries, Portugal has low rates of cultural participation, and the profile of participants tends to paint an image of more educated, socio-economically comfortable individuals, sometimes dragging certain communities into the danger of cultural exclusion. However, the mission of these cultural institutions is to promote greater accessibility, social inclusion and well-being.

Although an analysis of the literature on the subject can be misleading, the truth is that there is a vast cultural participation of the so-called popular class, with a very rich history, standing out for the heterogeneity of the activities carried out, as well as in “erudite” cultural activities.

This dissertation is a study of the district of Porto, using narrative interviews with three individuals with socio-economic difficulties. Primary and secondary data was collected, resulting in a confrontation between the two perspectives - supply and demand, focusing mainly on the latter.

The results show an active participation in cultural life on the part of the interviewees, with reference to their interests, as well as the limitations and impediments they face. Points of divergence and convergence were found between the interviewees' cultural practices and the existing literature, as well as with the mission of cultural agents in the city of Porto.

Keywords: Cultural practices; Popular class; Socioeconomic difficulties; life narratives; popular culture; erudite culture.

Índice

| | |
|-------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| Resumo | v |
| Abstract | vii |
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1 | 4 |
| Enquadramento do objeto de estudo | 4 |
| 1- Rede Cultural no Porto | 4 |
| Capítulo 2 | 6 |
| Revisão da literatura | 6 |
| 2.1- Museu | 6 |
| 2.2- Rede Portuguesa de Museus | 7 |
| 2.3- Democracia Cultural e Democratização da Cultura | 9 |
| 2.4- Práticas Culturais | 10 |
| 2.5- Desigualdades | 13 |
| 2.6- Omnívoro cultural | 22 |
| Capítulo 3 | 25 |
| Metodologia | 25 |
| 3.1- Opções Metodológicas | 25 |
| 3.2- Objetivos | 26 |
| 3.3- Entrevistas Narrativas | 27 |
| 3.4- Métodos de Pesquisa | 29 |
| 3.5- Entrevistas | 31 |
| Capítulo 4 | 33 |
| Resultados das Entrevistas | 33 |
| 4.1- Caracterização socioeconómica dos entrevistados | 33 |
| 4.2- Análise das entrevistas | 36 |
| 4.3- Análise e Comparação dos resultados | 55 |
| Conclusão | 78 |
| Listagem Bibliográfica | Error! Bookmark not defined. |
| Legislação Internacional | 86 |
| Legislação Nacional | 86 |
| Fontes Estatísticas | 87 |

| | |
|-----------------------|-----------|
| Webgrafia..... | 87 |
| Anexos | 89 |

Introdução

A presente dissertação aborda os públicos da cultura e as práticas culturais dos portugueses, dando especial atenção aos públicos socioeconomicamente desfavorecidos. O segundo tema de maior interesse são as desigualdades socioeconómicas. Estas temáticas foram escolhidas porque interligam dois pontos fulcrais da dissertação, o profissional (atividades culturais) e a experiência pessoal (desigualdades socioeconómicas).

Portugal é hoje um país com uma percentagem considerável de pessoas que, vivem com dificuldades socioeconómicas. Segundo os dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) no ano de 2022, 20,1% da população portuguesa encontrava-se em risco de pobreza ou exclusão social (INE, 2022). Esse valor representa 1/5 da população residente no país, em que se destacam as regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

Com o registo anterior em mente não será difícil entender que para essa margem populacional o risco de exclusão cultural está aliado ao risco de pobreza pelos mais diversos motivos, sendo eles a escolha pessoal de não os frequentar, uma vez que com grande probabilidade não será a principal prioridade, até pela falta de informação, incorrendo numa espécie de infoexclusão/exclusão digital.

O papel da cultura não poderá ser esquecido, sobretudo o seu contributo enorme na promoção da democratização e democracia cultural, com maior enfoque nesta última. Se esquecermos por um momento a situação excecional criada pela pandemia de âmbito mundial que foi a covid-19, os museus, a título de exemplo, têm constantemente crescido quer em número, quer em visitantes e, como tal, não será de espantar que o seu papel cívico e social, aliado às suas responsabilidades de inclusão/acessibilidade (questão importante para os órgãos legislativos portugueses) tenham, agora, uma importância acrescida.

Para conhecer esse papel no que às desigualdades socioeconómicas diz respeito, será necessário entender a composição dos públicos da cultura. Como se trata de um número elevado de instituições, decidi cingir-me a uma geografia específica, nomeadamente o distrito do Porto. Apesar dessa delimitação, uma abordagem deste tema utilizando o ponto de vista das instituições culturais continuava a ser bastante dificultado, quer pelo número elevado de instituições que compõem o mapa cultural da cidade e do distrito do Porto, quer pelo interesse pessoal ser mais focado nos públicos. Como tal, achou-se por bem dar um maior enfoque aos públicos socioeconomicamente desfavorecidos. Apesar disto, será, obviamente, impossível

chegar a todo este universo, como tal, foi decidido um enfoque qualitativo, que acabou por se limitar a três entrevistas narrativas a indivíduos nesta situação que seriam o objeto de estudo desta dissertação.

O principal objetivo deste trabalho é entender a relação entre as dificuldades socioeconómica de um indivíduo e as suas decisões no que às práticas culturais diz respeito. A principal questão que deu origem a este trabalho foi: “Existe uma relação entre as desigualdades socioeconómicas de um indivíduo e a sua ida (ou não) a um museu?”. Contudo, com o avançar da teorização da presente dissertação esta questão teve uma maior abertura e evoluiu para um contexto cultural mais amplo, nomeadamente afastando apenas a relação com museus, e dando um maior enfoque a outras práticas culturais. Como tal, a questão foi evoluindo para “Existe uma relação entre as desigualdades socioeconómicas de um indivíduo e as suas práticas culturais”, sendo que o principal objetivo seria descobrir quais seriam, de facto, as práticas culturais da classe popular e se elas iam ao encontro da literatura existente.

Ao longo desta dissertação pretende-se conseguir dar resposta a essa questão, através de uma metodologia de investigação que inclui a análise de literatura sobre o tema, assim como uma vertente original empírica constituída por entrevistas narrativas a três membros da classe dita popular, mas que apresentem diferenças na sua caracterização para obter respostas mais heterogéneas.

A presente dissertação está dividida em três capítulos que por sua vez são subdivididos em subcapítulos. O primeiro capítulo terá a função de desenvolver o enquadramento empírico existente sobre esta temática, onde irei abordar o universo das práticas culturais populares, das desigualdades sociais e económicas, a sua relação, com especial atenção ao papel dos serviços educativos, recorrendo, constantemente a uma análise da literatura existente. O segundo capítulo dedica-se à estratégia metodológica que é ser aplicada, a sua justificação, assim como uma descrição detalhada dos métodos utilizados. Já o terceiro capítulo, pretendo dedicar um espaço para a apresentação dos resultados, acompanhada de uma análise dos mesmos, de forma sistematizada.

Com esta dissertação espera-se contribuir para esta área de investigação (públicos da cultura, assim como práticas culturais dos portugueses), numa perspetiva mais ampla, espera-se contribuir para a reflexão sobre as práticas culturais e as desigualdades socioeconómicas em Portugal, realçar as vantagens da participação cultural, as responsabilidades cívicas e sociais dos agentes culturais, aleadas a uma possível maior atenção a públicos que correm sério risco

de exclusão de uma vertente cultural suficientemente importante para estar defendida na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Capítulo 1

Enquadramento do objeto de estudo

1- Rede Cultural no Porto

Antes de abordar as mais diversas temáticas nesta fase da dissertação, é relevante tecer uma ideia da rede cultural presente na cidade do Porto. Para tal, irei expor alguns dos resultados resultantes de um levantamento das mesmas. Contudo, esta tarefa é por si só digna de um trabalho profissional totalmente dedicado a esta problemática, como tal, irei restringir-me apenas a elementos públicos desta rede cultural, dando referências, embora pequenas, às contrapartes privadas que poderão ser encontradas na cidade.

É importante mencionar que os serviços do departamento culturais da Câmara Municipal do Porto, já realizaram este trabalho, publicando nos seus serviços online o resultado dos mesmos. Para começar terei de mencionar a Galeria Municipal do Porto que se encontra situada nos Jardins do Palácio de Cristal¹, espaço marcado pelo seu passado cultural, sendo, até aos dias de hoje, um marco cultural da cidade, sendo o espaço que alberga a Feira do Livro da Cidade do Porto², assim como a receção de diversos concertos e espetáculos no Pavilhão Rosa Mota, também denominado de Super Bock Arena.

Ao seu encargo a Câmara Municipal do Porto tem diversos espaços museológicos, entre os quais podemos destacar o Museu e Bibliotecas do Porto, o Museu Romântico, Museu Guerra Junqueira, a Casa do Infante, a Casa Marta Ortigão Sampaio, assim como, o Palacete dos Viscondes de Balsemão¹.

Contudo, nem só de instituições geridas pela CMP vive a cena cultural da Cidade do Porto. Outros dos grandes destaques são o Centro Português de Fotografia, o T. N. São João, (ambas do MC) as instituições privadas Fundação Serralves e a Fundação da Casa da Música.

Apesar da grande presença de museus um pouco por toda a cidade do Porto, o Teatro também marca a sua presença na cidade do Porto, começando por destacar o Teatro Municipal do Porto², destacado pela Câmara Municipal do Porto, também conhecido como o Rivoli, nome

¹ In: <https://cultura.cm-porto.pt/museus>

² In: https://cultura.cm-porto.pt/teatros/teatro-municipal-do-porto_1

que iria receber em 1932 e com o qual ficaria conhecido. Contudo, o Coliseu do Porto, assim como o Teatro Sá da Bandeira também se destacam nesta secção cultural da cidade Invicta.

Por fim, mas não menos importante tenho de mencionar a grande presença de bibliotecas municipais e de acervos privados um pouco por todo o distrito, com maior destaque para a Biblioteca Pública Municipal do Porto, mas também com presenças em freguesias menores como Ermesinde, Biblioteca Municipal de Ermesinde Vila Beatriz, ou em municípios de maior relevo como a Biblioteca Municipal de Valongo.

Capítulo 2

Revisão da literatura

2.1- Museu

Começaremos pela definição de museu. O museu é uma instituição que tem visto com o passar dos anos uma certa atualização da sua definição, numa tentativa de se tornar cada vez mais abrangente. Segundo a ICOM³ “um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento” (ICOM Portugal, 2022).

Com a evolução física da instituição museu é natural que a sua definição evolua também, como a ICOM defende um museu tem agora um papel social que, por bastante tempo, foi quase ignorado. Já em 1989, Peter Vergo defende que:

“Beyond the captions, the information panels, the accompanying catalogue, the press handout, there is a subtext comprising innumerable diverse, often contradictory strands, woven from the wishes and ambitions, the intellectual or political or social or educational aspirations and preconceptions of the museum director, the curator, the scholar, the designer, the sponsor – to say nothing of the society, the political or educational system which nurtured all these people and in so doing left its stamp upon them.” (Vergo, 1989, 3).

Vergo chega a esta conclusão numa tentativa de formular uma nova museologia, que pretenderia que os Museus prestassem atenção para com o seu público e a sociedade que os envolve, desmarcando-se de um simples processo de conservação e exposição.

Marianna Otmianowska vai mais longe definindo como impossível continuar essa discussão de um novo papel museológico sem uma interdisciplinaridade dos estudos de museus

³ O ICOM (International Council of Museums) é uma organização internacional de museus e seus profissionais. Define-se pelos seus objetivos ligados à conservação, investigação e comunicação entre o património e a sociedade, o presente e o futuro. O ICOM tem presença marcada em Portugal com a ICOM Portugal, um dos 119 comités nacionais do concílio.

com outras ciências sociais (e não só) (Otmianowska, 2020, 83). Ou seja, não é recente este percurso de mudança que foi reconhecido em 2022 pela ICOM.

O papel social do museu é-lhe inerente através da multiplicidade das suas atividades, fortalecendo a criatividade e o sentimento de pertença de uma comunidade (OECD & ICOM, 2019, p.3). Contudo, este não é o único fator de mudança, sendo que o Grupo de Projeto Museus no Futuro, refere outros pontos importantes como: “mutações demográficas”; “Turismo”; “Tecnologias digitais”; “Sustentabilidade” e “Participação” (Camacho, 2021).

2.2- Rede Portuguesa de Museus

Não é possível falar do contexto museológico em Portugal sem mencionar A Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto), que pretendia “definir princípios da política museológica nacional”; “estabelecer o regime jurídico comum aos museus portugueses”, assim como “estabelecer as regras de credenciação de museus”, entre tantos outros objetivos. Este decreto permite ainda definir a instituição museu como “«Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade»».

Segundo Camacho, a Lei-Quadro dos Museus Portugueses é especialmente importante para a Rede Portuguesa de Museus devido à “definição da noção de museu; o estabelecimento das funções museológicas; a institucionalização da RPM; a criação do sistema de credenciação” (Camacho, 2010, p. 17).

Outro objetivo de grande importância passa pelo desenvolvimento da Rede Portuguesa de Museus, já teorizada em período de ditadura por parte do diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, mas que apenas terá a sua oficialização em 2020, após algumas tentativas malsucedidas de a implementar (Camacho, 2014, pp. 250.255). É definido como “um sistema organizado, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus.” (Lei-Quadro n.º 47/2004, de 19 de agosto, art.º 102).

Contudo, nem todos os museus em território nacional se enquadram na RPM, sendo que segundo os dados do INE são, em 2022, 424⁴ os museus, dos quais se destacam os museus de arte (INE,2023, 119), contudo apenas 165 desses museus enquadram a RPM (Neves, Santos & Ferreira, 2023). É, no entanto, interessante mencionar que o número de membros dessa rede tem crescido desde a sua criação, sendo 64 em 2001 e 165 em 2022. (Neves et al. 2013, 110). Neves defende que “são vários os fatores que contribuem para esta dinâmica de crescimento, em particular a valorização da memória e do património artístico e cultural, a requalificação urbana, a forte relação dos museus com o turismo e a relevância da articulação com o sistema de ensino” (Neves, 2013, 21).

É notório um crescimento do número de visitantes, tendo os museus portugueses em 2022 recebido um total de 15.762.948 visitantes, sendo 7.666.210 visitas de estrangeiros. Destaque-se os museus de arte com 4.408.510 visitantes, os Museus de História com 4.209.333 e num patamar já distante os Museus de Território com 1.521.769 visitantes (INE, 2023, 122).

As composições do público dos museus nacionais não variam muito, sendo que já em 2016, Neves e Mourão traçavam um perfil dominante do visitante de museus que não parece ter-se alterado muito “Qualificados em termos de escolaridade (3 em cada 4 têm formação de nível superior) e das atividades socioprofissionais exercidas, com uma média de idades de 42 anos, com ligeira predominância feminina (56%). Por referência à população portuguesa, este perfil é relativamente mais escolarizado, mais jovem e com acentuada predominância dos ativos das profissões de especialistas das atividades intelectuais e científicas». (Neves & Mourão, 2016, p. 141).

O conhecimento dos públicos dos museus tem sido um motor aliciante que tem inspirado vários estudos por parte dos diversos organismos gestores de património em Portugal. A Direção-Geral do Património Cultural, com direção científica de uma equipa do CIES-Iscte, coordenada por José Soares Neves, promoveu o Estudo de Públicos de 14 Museus Nacionais, entre eles o Museu Nacional de Soares dos Reis (Neves et al., 2018), possibilitando mais informação sobre os públicos, de apoio à gestão de exposições e eventos.

⁴ Para a INE, são considerados museus as instituições que cumpram os seguintes 5 critérios. Critério 1: museus que têm pelo menos uma sala de exposição; Critério 2: museus abertos ao público (permanente ou sazonal); Critério 3: museus que têm pelo menos um conservador ou técnico superior (incluindo pessoal dirigente); Critério 4: museus que têm orçamento (ótica mínima: conhecimento do total da despesa); Critério 5: museus que têm inventário (ótica mínima: inventário sumário).

2.3-Democracia Cultural e Democratização da Cultura

Como havia referido anteriormente tenho de dedicar um ponto especial para os conceitos de democratização da cultura e democracia cultural. A democratização da cultura é o apoio à criação, alargamento do acesso a um público tão vasto como possível; e a democracia cultural é o apoio à criação, aliado ao alargamento do acesso, enquanto se estimula a criatividade e se propicia a expressão cultural dos diversos grupos sociais.

No entanto, esta visão sintética não faz jus à verdadeira importância desses conceitos, nem da literatura e legislação criada com vista a amplificar o efeito dos mesmos para a comunidade.

O poder transformador da cultura e o seu possível impacto na vida privada, assim como na vida política das sociedades está bem descrita na Carta de Porto Santo⁵, aliada a um pedido de responsabilidade para com a paisagem cultural, sendo um documento ao alcance de todos, que pretende ser um guia no exercício da “cidadania cultural”, enquanto contribui para uma Europa (EU) mais plural, inclusiva e segura. (Brighenti, S. B. 2021)

Estas questões tendem, predominantemente, a serem tratadas pela administração central (Ministério da Cultura), contudo, o papel da administração local (Camaras Municipais e Juntas de Freguesias) não pode ser esquecido. (Neves, Lima, Santos, Macedo, Martins, Pratas, Pereira, & Nunes 2023). A importância da democratização da cultura para a administração central está bem explícita na Constituição da República Portuguesa onde defende que “O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais. (CRP, Capítulo III, Direitos e deveres culturais, Artigo 73º, Educação, cultura e ciência, 1 alínea 3.)

Apesar da salvaguarda dos interesses culturais em textos constitucionais, não significa que não hajam críticas sobre a falta de criação de legislação “Verifica-se, por outro lado, que o Governo ainda não criou legislação para regulamentar e desenvolver um regime fiscal mais favorável para as entidades da economia social (incluindo as associações culturais e

⁵ "A Carta do Porto Santo é um documento promovido pelo Plano Nacional das Artes 1, desenvolvido no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia (2021, 2), realizada em contexto pandémico, que deliberou no seu programa três objetivos: “promover a recuperação, a coesão e os valores europeus” (Europa Resiliente); “valorizar e reforçar o modelo social europeu” (Europa Social); “promover uma Europa aberta ao mundo” (Europa Global)." Brighenti, S. B. (2021).

coletividades), apesar de lhe ter sido conferida tal responsabilidade pela Lei n.º 30/2013, de 8 de maio –Lei de Bases da Economia Social (artigos 11.º e 13.º). Tinha 180 dias para o fazer e já passaram praticamente 10 anos.” (Neves, Lima, Santos, Macedo, Martins, Pratas, Pereira, & Nunes 2023).

A democratização cultural tem as suas origens em França, aquando da criação do Ministério dos Assuntos Culturais em 1959, que teria como objetivo central tornar acessível o maior número possível de práticas e demonstrações culturais ao povo, assentando na educação do povo, com vista a uma redução das desigualdades geográficas e sociais.

Donnat, em 2007, defende que são conceitos, por vezes tidos como sinónimos, mas agem em sentidos diferentes. Existe, em torno da democratização, duas conceções confrontantes, uma mais centrada na criação de “cultura legítima” e outra na valorização da cultura popular (Costa, A. F. 1997).

São vários os projetos que têm como missão pôr em prática conceitos como democratização e democracia cultural, como por exemplo, o PNA que pretende promover transformações sociais e do poder educativo através das artes, com o lema de para todos e com cada um. (Vale, Brighenti, Pólvora, Fernandes, & Albergaria, 2019.)

2.4-Práticas Culturais

Um tema obrigatório são as práticas culturais dos portugueses. Neste subponto farei um pequeno percurso evolutivo através de três fontes de três períodos diferentes, de um modo a tentar entender se existe, ou não, algum padrão evolutivo.

Irei focar apenas no que aos museus diz respeito, uma vez que esta é a temática em questão. Em 2013, 83% dos portugueses inquiridos responderam que não visitaram qualquer museu nos últimos 12 meses, uma média superior à europeia que tinha a sua não participação nos 62% (Eurobarómetro 2013⁶). Em 2017 as respostas foram mais positivas, embora Portugal apresentasse resultados mais negativos que a União Europeia que desta vez apresentava uma participação de 51%. Já nos dados portugueses continuavam a dominar os resultados negativos com 73 dos inquiridos a referir nunca ter feito uma visita (Eurobarómetro 2017).

⁶ O Eurobarómetro é uma fonte de informação relevante sobre participação (ou práticas culturais) numa perspetiva comparada transnacional. Tem sido objeto de reflexões críticas várias, designadamente no âmbito das estatísticas culturais da União Europeia e também de um ponto de vista comparativo

Como é obvio não poderemos olhar para estes dados num vácuo. É importante tentar entender as razões para este resultado, assim como o contexto que se vivia no país em 2013. Nesses anos estávamos em plena crise nacional que pedia um esforço económico maior por parte dos portugueses, o que é refletido nas justificações dos inquiridos. A falta de interesse dominava as respostas de 2013 com 51% das respostas, contudo era seguida pela falta de tempo (23%) e por incapacidades monetárias (14%) (Eurobarómetro 2013).

Apresentados os dados de iniciativas europeias mais distantes, focarei um pouco mais nos dados mais recentes através da análise mais extensa da obra *Práticas culturais dos portugueses* coordenada por José Machado Pais, Pedro Magalhães e Miguel Lobo Antunes. Os dados de 2020 mostram uma evolução positiva quando comparada aos anteriores, com apenas 72% dos inquiridos a responderem de forma negativa. Dos 28% que responderam de forma positiva é possível fazer uma caracterização sociográfica dos visitantes, de onde se destacam os homens (37%); os jovens (15-24 anos 47%); estudantes (58%); com ensino superior (70%); com rendimentos superiores a 2700 euros (62%); grandes empresários e profissionais liberais (88%) (Martinho, 2022, p.204).

Características sociográficas dos visitantes (%)



Gráfico 1: Características sociográficas dos visitantes (%). Fonte: Martinho, T. (2022), p.29

“O inquérito em Portugal apurou que o acesso aos espaços patrimoniais continua a assumir uma relação significativa com o grau de ensino (gráfico 5.3). Deste modo, 70% dos que têm escolaridade superior visitaram estes espaços, seguindo-se 44% daqueles que possuem o ensino secundário, 32% dos que têm o 3.º ciclo e 11% dos que assinalam escolaridade até ao 3.º ciclo. Reafirma-se, assim, o traço de perfis qualificados que tem caracterizado os frequentadores de entidades patrimoniais, evidenciado em diversos estudos (DGPC 2015; Eurobarómetro 2017; Semedo et. al 2018). Considerando a situação perante o emprego, a população escolar destaca-se: 58% dos estudantes visitaram museus, monumentos, sítios arqueológicos e galerias de arte. É menor a presença de trabalhadores (43%), desempregados (23%), reformados ou com incapacidade (19%) e domésticos(as) não remunerados(as) (9%).” (Martinho, 2022, p.29).

Por norma uma grande parte dos estudos nesta disciplina segue o modelo ACM que inclui cinco grandes categorias socioprofissionais (embora o estudo, sobredito, não o siga), sendo elas a EDL (empresários, dirigentes e profissões liberais); PTE (Profissionais técnicos e de enquadramento); TI (trabalhadores independentes); EE (empregados executantes); e O (operários). Contudo, pode ser composta ou agregada em diversas versões. António Firmino Costa refere algumas das suas vantagens como a sensibilidade e grande variedade de situações económicas; o facto de ser bastante compacta e compatível com as fontes estatísticas, assim como permite uma eventual agregação ou desagregação, consoante os objetos de estudo, assim como a terminologia atual. (Costa, 2008[1999].)

É interessante que mais de metade (58%) dos inquiridos que respondeu afirmativamente, quando questionados sobre a visita a um espaço patrimonial ou museu, fora do concelho em que habitam visitaram espaços noutra concelho que não os que habitam, sendo que apenas 28% visitaram no seu concelho. Martinho refere que “Da exploração da relação entre a localização do último espaço visitado e a região de residência tiram-se várias conclusões. Em primeiro lugar, a incursão no concelho onde reside é mais provável na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e nos Açores, talvez pela oferta patrimonial assumir maior volume e diversidade (Santos et al. 2005) e por um efeito de insularidade no arquipélago açoriano. As visitas noutra concelho associam-se diretamente à região Centro, o que pode explicar-se pela dimensão menor do parque patrimonial disponível neste território e pelo interesse direcionado a entidades patrimoniais situadas nas outras regiões (ibidem).” (Martinho, 2022, p. 211).

Este estudo oferece uma perspetiva positiva que os anteriores não ofereciam ao questionar o porquê da visita e não apenas o porquê de não ir. Destacam-se a importância

histórica do espaço (40%); o convívio com outras pessoas (33%) e a beleza do espaço e das obras expostas (31%) como os mais referidos (Martinho, 2022, p.212). Já pela negativa destaca-se a falta de tempo (39%) a falta de interesse (38%) e o preço dos bilhetes (21%), como as principais justificações (Martinho, 2022, p.219).

A falta de interesse é maior entre pessoas com menor grau de escolarização e em ocupações como operários e trabalhadores de serviços, destacando mais uma vez o grande papel que as instituições de ensino podem ter nas práticas culturais dos portugueses. Já as questões monetárias são mais referidas pelas pessoas com o 3º ciclo de escolaridade e das profissões liberais (Martinho, 2022, p.220).

No entanto, há um ponto relativamente novo que se deve confirmar, o online. A presença do online na cultura e, neste caso, nos museus não pode ser esquecida, sobretudo após o período pandémico que “obrigou” as instituições culturais a oferecerem uma alternativa viável à visita física. Os bilhetes continuam a ser maioritariamente comprados nas bilheteiras das instituições museológicas e patrimoniais, contudo existe uma minoria crescente (8%) que já planeia a viagem e compra os ingressos via online (Martinho, 2022, p.218). Contudo este não é o setor onde se revela a maior participação online e sim nas visitas, onde 13% dos inquiridos responderam afirmativamente a terem realizado visitas online a museus (Martinho, 2022, p.224). Trata-se de uma temática bastante interessante, mas que por si só dava uma dissertação nova e totalmente diferente, contudo, achei importante mencionar essa vertente.

2.5- Desigualdades

O ponto das desigualdades tem de ser obrigatoriamente o ponto mais extensivo deste enquadramento, não só pela complexidade da questão, mas também pela multiplicidade do tema e das diferentes características e desigualdades que existem. Começarei por uma perspetiva de desigualdades culturais entre Portugal e a restante Europa, um ponto que embora menor, é talvez dos mais importantes para entender o panorama nacional.

É relevante mencionar que já Bourdieu ilustrava o papel das desigualdades sociais no acesso à cultura cultivada (museus de arte, por exemplo), em 1966, demonstrando claramente que esta não é uma temática recente, onde analisou que apesar de ser uma cultura aberta a todos, a sua participação era uma minoria (que constituía a parte mais importante dos públicos) “cultivada” (Bourdieu & Darbel, 1969). Convém também mencionar que o termo “acesso” nas

políticas culturais pode ser relativamente ambíguo, mas tende a focar-se em duas vertentes, a de tornar disponível e a de tornar acessível (Neves & Gomes, 2018, p.41).

José Soares Neves e Rui Telmo Gomes defendem que “as taxas de práticas culturais em Portugal situam-se normalmente entre as mais baixas dos países europeus” (Neves & Gomes, 2018, p.42). Diversos são os estudos feitos nesse sentido, de onde se destaca o Eurobarómetro que utilizei no ponto anterior, contudo estes problemas das desigualdades na cultura não são esquecidos e na verdade “está no centro da sociologia das práticas ou consumos culturais cultivados (teatro, música, obras de arte), legítimos (Bourdieu, 1979), que enfatiza a distribuição desigual das obras, das competências (do capital cultural) e das práticas culturais” (Neves & Gomes, 2014).

António Firmino Costa afirma que:

“Os menores graus de desigualdade ocorrem quando se conjuga uma profissionalização tendencialmente universal das mulheres com uma disponibilização também tendencialmente universal de instituições que propiciam cuidados de qualidade às crianças em idades pré-escolares. É o que acontece nos países nórdicos, em que se verificam menores graus de desigualdade estrutural de rendimentos e maiores graus de igualdade de oportunidades (com taxas de mobilidade social mais elevadas)” (Costa, 2012, p.85)

Numa perspetiva comparada com a União Europeia podemos também constatar que para além de Portugal se encontrar entre os países com menores níveis de práticas, de um modo geral, ser definida entre o norte europeu (maior participação) e um sul e leste europeu (menor participação) (Neves, 2014, p.8). Esses valores permitem, mais uma vez, fazer um paralelo entre os níveis de escolaridade e essas desigualdades na participação (Neves & Gomes, 2018, p.47).

Como foi dito anteriormente, o perfil social dos públicos dos museus é bastante homogéneo, mas essa mesma homogeneidade permite criar um entendimento de diferentes dimensões das desigualdades que afetam a desigualdade cultural, sendo elas o grau de escolaridade, como foi sobredito, e a nacionalidade. “Quanto à escolaridade destaca-se com clareza o contraste das (relativamente) baixas qualificações da população portuguesa com as elevadas qualificações dos públicos nacionais (...) conclusão que está em linha com a anterior constatação quanto à relação entre os mais baixos níveis de escolaridade da população e baixos níveis de práticas” (Neves & Gomes, 2018, p. 49).

Apesar de Neves & Gomes fazerem referência a “baixos níveis de escolaridade da população” o nível de escolaridade é, intrinsecamente, um indicador individual, uma vez que são os indivíduos que frequentam as escolas e obtêm as suas qualificações e, como tal, são assim que entram nas bases de dados estatísticos, contudo, como é o caso, há certas situações que faz sentido fazer essa análise numa unidade “pluri-individual”. (Costa, 2012, p.39)

“Contudo, em certas análises de desigualdades, pode fazer sentido reportar os níveis de escolaridade a unidades pluri-individuais. Por exemplo, ao procurar-se verificar até que ponto os recursos escolares dos pais condicionam ou influenciam os trajetos escolares dos filhos, pode atribuir-se um valor de escolaridade ao grupo doméstico de origem, ou ao seu núcleo conjugal principal. Para isso, tem de combinar-se as escolaridades de várias pessoas, segundo algum critério” (Costa, 2012, p.39)

Uma vez entendido que existe de facto vertentes das desigualdades quer sociais quer económicas que se revelam nas desigualdades culturais, é hora de analisar um pouco como se estuda e como se representam essas desigualdades em questão.

Não podemos deixar de mencionar um fator muito importante no estudo deste tema, isto é, o aspeto estrutural das desigualdades, transcendendo as mais diversas sociedades. Segundo António Firmino Costa (2012) esta é uma realidade que tem sido encarada por um maior número de pessoas com o passar do tempo, sendo possível denotar a presença de uma maior sensibilidade social face às mesmas, quer com a crescente opção de fundações, ou iniciativas individuais que tentam colmatar esse tema.

“Seja como for, a questão é vastíssima. As desigualdades sociais são múltiplas e complexas. Muitas vezes são também controversas, quer quanto à sua própria factualidade, quer nas interpretações que se fazem a respeito delas, quer ainda nas causas e consequências que se lhes atribuem” (Costa, 2012, p.2).

Apesar da crescente sensibilização sobre a questão, ela não fica menos complexa, e nos estudos as mesmas questões continuam a ser colocadas pelos novos estudos, isto é, estamos a assistir a um aumento ou uma redução das desigualdades? Quais as suas tendências? Qual é o contexto social? Verificam-se continuidades ou mudanças nas mesmas? Será pertinente fazer-se qualquer comparação entre as mesmas? (Costa, 2012, p.7-8). Contudo, estas são apenas as

questões sobre as desigualdades propriamente ditas, não envolvendo o indivíduo ou sociedade nas mesmas, assim sendo, acrescentam-se outras questões como: Entre quem se verifica essas desigualdades? Qual a escala das mesmas? Quais as suas consequências na sociedade? Qual o efeito que essas desigualdades têm nos outros aspetos da sociedade?

Charles Tilly (2005) numa base introdutória do tema, chama a atenção para a importância e evolução histórica das distribuições de recursos, assim como o controlo dos meios de ação (capital financeiro, informação, média e recursos/conhecimento científico-tecnológico que considera serem desiguais, exemplificando a sua teoria com exemplos como o trabalho, animais, os recursos naturais da terra e a própria maquinaria. Tilly considera que os mecanismos sociais sobreditos podem ser descritos como mecanismos de exploração, fechados às oportunidades, o que contribui, bastante, para o aumento ou no mínimo manutenção dos valores elevados de desigualdade. Um dos mais interessantes e complexos pontos que o autor elabora passa pelos mecanismos de “seleção-distribuição” que de uma forma muito resumida que, não lhe fará total justiça, expõe um tipo de mecanismo social que “seleciona” e “distribui” (daí o nome bastante que se autoexplica) os indivíduos pelos seus diversos lugares sociais. António Firmino Costa (2012) considera que este modelo não difere das clássicas teorias da estratificação social. Contudo, como é comum em qualquer ciência, exata ou social, esta teoria tem os seus críticos que consideram que a teoria intromete em si mesmas desigualdades categoriais, assim como as suas consequências, aliada a uma não aplicação efetiva do modelo.

Contudo, Costa (2012) considera que poderá ser-nos útil neste estudo recorrermos à generalização, considerando que “com muita frequência, na vida social, são atribuídas conotações de desigualdade a fenómenos sociais caracterizados em termos de escalas de «mais» e «menos» ou de hierarquias de «superior» e «inferior» (...) Poderá aplicar-se-lhes? O que dizer, por exemplo, de diferenças de crenças, de gostos ou de comportamentos?”.

Quando comecei a escrever sobre este tema o primeiro ponto que quis focar foi a complexidade do tema, independentemente da abordagem ou qual subtema das desigualdades pretendesse trabalhar e o número de questões que vão aparecendo no decorrer deste estudo comprovam isso mesmo. Para contrapor as questões do parágrafo anterior podemos utilizar outras questões como: Podemos considerar as desigualdades de rendimento justas? Ou algumas são justas e outras injustas? De que depende a resposta a estas questões? A resposta a esta levará a novas questões, será o contexto social; a posição de quem dá a resposta, ou teremos de analisar caso a caso. As questões são muitas e as respostas nem sempre são satisfatórias, serão bastante

diferentes consoante a posição de quem as dê, e embora as mesmas sejam colocadas para um contexto social, o mesmo vai acontecer se analisarmos outras modalidades do estudo das desigualdades.

Um ponto a focar, embora de forma relativamente sucinta, é a individualidade das respostas. Como mencionei no parágrafo anterior a resposta a cada uma daquelas questões pode variar consoante a posição de quem a responde, isto acontece porque todos nós transportamos pressupostos/preconceitos sobre os mais diversos temas e desigualdades sociais, variando consoante a doutrina ética e moral que cada um seguir. Contudo estas respostas são em si mesmos plurais e dignas de estudo e confronto umas com as outras, pois podem elas mesmas estar enraizadas em desigualdades maiores (Costa, 2012, 16). Apesar disso, Tilly (2005) considera que essas categorias sociais, embora sempre associadas a diferenças (explicando a diferença de respostas), não são necessariamente desigualdades sociais, embora possam gerar.

Por vezes as questões das desigualdades são de tal forma complexas e multidisciplinares que transcendem a sua área de estudo, entrando rapidamente em outras, quer sejam elas a História ou mesmo a Política. É comum ouvirmos discussões de justiça social e a sua melhor aplicação nos órgãos políticos e obtemos respostas diferentes consoante a ideologia política. Uma das mais antigas e ainda presentes questões tem de ser a igualdade e equidade, por vezes expandindo-se para igualdade de situação ou igualdade de oportunidades. Muitas das vezes essas questões estão ligadas não só a desigualdades sociais, mas também nas próprias desigualdades categoriais (idade, género, raça, etnia, origem social, nacionalidade, entre tantas outras). Não nos é estranha a discussão dessas ideias no contexto da desigualdade de género (desigualdade salariais entre géneros); nas lutas dos direitos LGBT; ou mesmo em questões do nosso dia a dia como no desporto ou cultura (como anteriormente explorei).

Mais uma vez farei uso das palavras de António Firmino Costa na explanação do tema “A análise das desigualdades sociais, sendo particularmente sensível às condições sociais de existência e às orientações de valor, requer por isso mesmo um cuidado também muito particular de problematização teórica e elucidação concetual” (2012, p.18). Eu tentei nos parágrafos anteriores explicar de uma forma mais simplificada como as respostas a estas questões são plurais e dignas de estudo, mas a verdade é que as próprias questões têm um processo longo de teorização que não difere do que apresentei anteriormente.

É possível perceber, cada vez mais, a descrição da nossa realidade como um mundo verdadeiramente global, sobretudo com a expansão e democratização da internet que nos

permite conectarmo-nos em questão de segundos com alguém a milhares de quilómetros de distância, possibilitando-nos o entender de novas realidades de uma forma bastante mais rápida e menos custosa. Como não nos pode surpreender, essa expansão da internet, que por vezes veio acentuar as próprias desigualdades, embora essa questão seja bem mais complexa e digna de uma dissertação em si mesma, veio também possibilitar uma crescente disponibilização de informação sobre o tema, quer em sítios jornalísticos na internet, quer em bases de dados sobre o tema, no contexto nacional ou global.

Esse processo de globalização é bastante importante no que às desigualdades sociais e económicas diz respeito, é importante tentar entender qual o efeito da globalização nessas desigualdades, quais permanecem, surgem ou desaparecem (Costa, 2012, p.28). Sobre esta temática terei de expor o trabalho do sociólogo Göran Therborn, que em 2006, identificou três principais dimensões da desigualdade às quais chamou “Desigualdades vitais”; “Desigualdades existenciais” e “Desigualdades de Recursos”.

De forma bastante sucinta as desigualdades vitais englobam questões como a vida, morte e saúde, isto é, esperança média de vida, taxa de mortalidade infantil e taxa de alfabetização que muitas vezes são indicadores usados numa perspetiva comparativa entre países. Já as desigualdades existências relacionam-se com o individuo mais propriamente dito, abordando questões como as opressões, restrição de liberdade, discriminações, etc. Por último, as desigualdades de recursos, que são autoexplicativas, assim como Charles Tilly (2005) teoriza aquando da sua teoria da “seleção-distribuição” que expus anteriormente.

É interessante também entender que apesar de serem três grupos relativamente diferentes, não significa que sejam independentes entre si, sendo que a influência que têm nos demais não pode ser esquecida (Costa, 2012, p.24).

As desigualdades vitais revelam-se importantes nas questões ligadas à alfabetização e escolaridade, como José Soares Neves (2018) expôs em seus estudos. As desigualdades existenciais terão de ser levadas em consideração no que às diferenciações do público e não público diz respeito, assim como nas suas decisões. E, por último, a questão de recursos está intrinsecamente ligada à questão económica que pode, ou não, ser apontada como razão para a participação na vida cultural e nos museus mais propriamente.

Contudo, a contribuição de Therborn (2006) não acaba nessa divisão. O sociólogo sueco identifica ainda processos sociais que na sua opinião são geradores de desigualdades, sendo eles os mecanismos de distanciamento; de exclusão; de hierarquização; e de exploração (um

ponto bastante abordado por Tilly como expus anteriormente). Mas, como não poderia deixar de ser, apresenta também processos que a seu ver contribuem de forma mais positiva para esta temática, reduzindo, ou numa perspetiva mais animadora, eliminando desigualdades, aos quais denominou de processos de convergência; inclusão; compreensão; e redistribuição.

José Soares Neves na sua análise das desigualdades culturais (2018) menciona os indicadores de escolaridade numa perspetiva comparada para com os restantes países europeus, onde Portugal aparece relativamente abaixo dos países europeus “mais desenvolvidos”. António Firmino Costa (2012) também não deixa esse indicador passar em branco, considerando que a par dos indicadores de rendimento, são duas das mais importantes dimensões das desigualdades sociais nos nossos dias, isto é, as desigualdades económicas e desigualdades educativas. Contudo, é importante diferenciar o conceito de rendimentos sobredito, com o conceito de riqueza e despesa, sendo que na caracterização das desigualdades económicas são, por vezes, usados indicadores de consumo/despesa ao invés de indicadores de rendimentos (Costa, 2012, p. 35)

Aproveito este pensamento de António Firmino da Costa para demonstrar que embora o presente trabalho seja descrito como uma análise às desigualdades socioeconómicas, poderia, segundo certos autores, apenas mencionar desigualdades sociais, sendo que a segunda (desigualdades económicas) poderá ser enquadrada na primeira, ou até mesmo ser uma extensão da primeira, contudo, após a pré-análise dos dados obtidos nas entrevistas considereei que a questão económica seria importante o suficiente para ser mencionada a par da questão social.

Uma vez explanada essa questão, aproveito para explicar o conceito de “indivíduo” e o porquê da sua escolha. A escolha pareceu-me direta uma vez que por muitas vezes os indivíduos constituem a unidade de análise das desigualdades, ao que em primeira vista pode parecer bastante direta, contudo tem as suas dificuldades, entre elas o facto de que nem todos os indivíduos auferem diretamente de rendimentos como crianças, o que faz com que em certos casos seja considerado o agregado familiar como unidade de análise. Apesar dessas dificuldades, os estudos de público são realizados com o indivíduo como unidade de análise, como tal, pareceu-me a unidade de análise mais correta para a presente dissertação, uma vez que engloba as duas principais áreas de estudo.

Após esta explicação, quero também mencionar alguns dos instrumentos metodológicos que mais vezes são mencionados na literatura, sendo eles as *curvas de Lorenz* e *Coefficiente (ou índices) de Gini*. O primeiro é relativo à distribuição de algum atributo de uma população,

enquanto os segundos são calculados a partir delas. “Uma curva de Lorenz representa a distribuição numa população de um determinado atributo (por exemplo, o rendimento), projetada num referencial de dois eixos ortogonais: o da população acumulada (eixo das abcissas) e o dos valores acumulados do atributo em causa (eixo das ordenadas). O coeficiente de Gini indica sinteticamente o grau de desigualdade de tal atributo nessa população. (...) Quanto mais se aproximar de 0, menor é a desigualdade da distribuição desse atributo na população em estudo; quanto mais se aproximar de 1, maior é a desigualdade” (Costa, 2012, p.40-41). Deste ponto de vista metodológico, o estudo das desigualdades implica uma análise das distribuições aliadas a atributos/desigualdades categoriais.

Como expus na introdução da presente dissertação o termo de dificuldades socioeconómicas não foi a minha primeira opção, decidindo, mais tarde, não seguir por um caminho de “classes sociais”, embora A.F. Costa refira que entre os sistemas categoriais mais usados nas análises de desigualdades encontram-se os sistemas de categorias de classes sociais, a sua definição pode ser bastante complicada, uma vez que não existe qualquer indicador socioprofissional que defina por completo o conceito de classe social, sendo que deve ser completado com vários indicadores e referências e, embora seja um instrumento analítico de grande qualidade, torna-se instável, no sentido em que um indivíduo (a unidade de análise por mim escolhida) possa flutuar por classes sociais conforme o indicador escolhido. Esta questão poderia trazer mais problemas que vantagens para a presente dissertação e, apesar de ser referido com alguma frequência na literatura, optei por me cingir a uma categoria mais restrita.

Como fui evidenciando em parágrafos anteriores é notório um crescimento na sensibilização para a temática das desigualdades sociais, económicas ou de qualquer outra valia, contudo, isto não se traduz numa redução das desigualdades, apesar do esforço crescente para essa direção. Entre 1980 e meados de 2000 as desigualdades de rendimentos de um agregado familiar teria crescido numa gigante maioria dos países (OCDE, 2008). Não só não foram diminuindo como foram, em certos casos, aumentando, sendo que a OCDE refere, em 2011, que os 10% mais ricos tendem, em média, a superar em 9 vezes o dos 10% mais pobres, embora numa análise singular aos mais diversos países da OCDE evidenciar características bastante singulares entre eles, sendo que Portugal, assim como em Espanha, Grécia e Turquia, apresentam uma diminuição das desigualdades de rendimento na primeira década dos anos 2000.

Tendo exposto diversas teorias e dados concretos sobre as causas das desigualdades em questão, convém virar as atenções para as consequências dessas mesmas desigualdades que, por sua vez, transformam-se em indicadores bastante interessantes para se analisar neste contexto. Essas consequências têm a sua expressão nas mais diversas expressões, desde indicadores base como a esperança média de vida e da mortalidade infantil, anteriormente referidos, mas também em taxas de alcoolismo e toxicodependência, gravidez na adolescência, dados relativos às doenças mentais e consumo de medicamentos destinado a isso, no qual Portugal se destaca com um grande consumo dos mesmos⁷, (Observador, 05/03/2024) e ainda dados relativos à capacidade de mobilidade social da população.

A mobilidade social é uma questão bastante analisada por parte destes estudiosos. É importante mencionar que as maiores dificuldades de mobilidade social ascendente se encontram, normalmente, associadas a sociedades mais desiguais em termos estruturais, sobretudo no que à distribuição de rendimentos diz respeito. Contudo, as próprias composições sociais não podem ser simplificadas, uma vez que a dita classe média encontra-se frequentemente em recomposição estrutural, sendo uma classe flutuante e heterogénea na sua composição.

Entre esses indicadores está um já bastante citado neste trabalho, sobretudo devido ao contributo de José Soares Neves, isto é, o desempenho escolar da população, em especial a camada mais jovem. António Firmino Costa questiona-se sobre a relação entre os níveis de qualificação educacional com outros aspetos da desigualdade, nomeadamente recursos e oportunidades. Oferece, também, a resposta, dizendo que os dados disponíveis mostram que a escolaridade é um recurso desigual, isto é, está desigualmente atribuído, dando força à tese de Tilly sobre a “seleção-distribuição” de recursos. “Casos particularmente problemáticos de «transições incertas» encontram-se cada vez mais entre os jovens que, nesta sociedade do conhecimento, se veem na contingência de enfrentar o mercado de trabalho e os percursos de vida apenas com baixas qualificações” (Costa, 2012, p.60). Apesar desta temática o número de licenciados tem vindo a crescer em países em Portugal (Expresso, 04/09/2023), o que se traduz num rácio crescente entre jovens adultos com formação superior e aqueles que não a têm.

Num toque final não poderei de mencionar uma consequência gigante das desigualdades explanadas até então, isto é, o conceito de exclusão social, que pode em si mesmo incluir a

⁷In: <https://observador.pt/2024/03/05/portugal-regista-o-2-o-maior-consumo-do-mundo-de-medicamentos-para-insonias/>

definição de exclusão cultural, bastante importante para esta temática. Quando se aborda uma temática como a exclusão social não podemos de abordar a questão da pobreza que está intrinsecamente conectada com essa exclusão, embora não seja condição inerente, uma vez que pode existir exclusão social sem a pobreza associada e vice-versa, devendo prestar especial atenção a temas como questões raciais, género, orientação sexual, linguísticas, entre muitas outras (Costa, 2012, p.67). Therborn propõe um quadro que consiste na análise de contextos de marginalidade de modo a elucidar e transmitir para um plano existencial e não só nas distribuições de recursos as questões socioculturais e identitárias de um indivíduo.

Para finalizar, essas questões de desigualdades sociais por vezes dão aso a uma resposta em termos de justiça social, este debate é o que contrapõe a igualdade de situações e igualdade de oportunidades, sendo este um tema bastante atual no mundo em que vivemos com movimentos que reivindicam soluções para essas desigualdades sociais a cativarem bastantes membros e a trazerem esse discurso para o grande público.

De um modo geral, apesar de Portugal apresentar diferenças/atrasos sonantes em questões culturais e desigualdades para com os países europeus ditos mais desenvolvidos, a verdade é que a sociedade portuguesa segue uma tendência semelhante aos restantes países europeus, onde se alarga a base social dos estudantes do ensino superior, à medida que se diminui progressivamente as desigualdades de acesso ao mesmo (Costa, 2012, p.129).

2.6- Omnívoro cultural

A categorização dos públicos das mais diversas atividades culturais já há muito é tema de conversa com as mais diversas definições a serem aceites ou contestadas, dependendo da corrente sociológica que se enquadrar. Um desses termos que pretendo explorar neste subcapítulo passa pela definição de omnívoro cultural, um termo contestado pelas mais diversas correntes sociológicas.

O termo de omnívoro cultural surgiu com Peterson (1992) que defendia que segundo a informação dos questionários de 1982 permitiam definir as classes altas americanas como omnívoras e não culturalmente snob (termo defendido por Bourdieu).

Durante bastantes anos os estudos concentraram-se nesses dois conceitos o que por sua vez impediu a inclusão ou formulação de outros conceitos complementares ou alternativos como é o caso dos contributos de Olivier Donnat e a sua tese sobre o ecleticismo e a teoria de

Bernard Lahire com a sua teoria de na dissonância (Villarroya e Llopis-Goig, 2021). Há quem considere que estes dois últimos conceitos contribuem para uma análise mais complexa das preferências nas práticas culturais sobretudo das elites socioculturais.

Contudo estas não são as únicas alternativas. Cicchelli & Riegel (2016) também consideram que a evolução de snobs culturais para omnívoros culturais encontra-se ultrapassada porque não consegue mais explicar todas as escolhas e comportamentos individuais, uma vez que as hierarquias são cada vez mais complexas. Associadas a estas críticas surge a formulação de um novo conceito, o de estética cosmopolita que reintroduz o peso do capital social num mundo mais atualizado e tecnologicamente global.

Peterson, a quem se atribui o conceito de omnívoro cultural, rejeita a hipótese cosmopolita ao defender que o termo cosmopolitismo cinge-se a um gosto que transcende fronteiras nacionais, em oposição ao seu conceito que implica um cruzamento entre limites de nações, sociais, classe, género, religiões e até idades (2004).

“Even if cosmopolitanism refers to a taste that transcends national boundaries, the word omnivority seems more appropriate because it implies tastes that cross not only the boundaries of nations, but also of social class gender, ethnicities, religions, ages, or other similar boundaries”
(Peterson, 2004, p.159)

Esta crítica de Peterson não vem só uma vez que é acompanhada por um discurso académico que por vezes se demonstra redutivo e ambivalente para com o termo cosmopolita (Ciccheli e Rigel, 2016).

Contudo, a introdução do termo estética aliado ao termo cosmopolita que até então era utilizado pode marcar uma mudança ou o acrescento de uma dimensão nova a essa discussão, num mundo onde os fluxos migrantes aliados da coexistência religiosa, cultural e de tradições em um só território. Contudo esta análise traz o tema político para a discussão, uma vez que a transformação cultural do quotidiano está intrinsecamente ligada a uma transformação cultural da política (do intercultural para o multiculturalismo e diversidade cultural), que pressupõe uma espécie de politização do campo cultural. Para Vincenzo Cicchelli e Viviane Riegel para se aplicar a definição de estética cosmopolita devem verificar-se cinco características:

“1) First, a comparison between “national” cultural products (or what they see as national) and foreign products and the recognition of national differences, using some stereotypes as well as

personal experiences; 2) Second, a shaping and reshaping of aesthetic criteria (e.g., Asian aesthetic of manga reshapes Belgian-French or American comics criteria of reception) without automatic hierarchization on a single value scale; 3) Third, the building of judgements and hierarchies about the quality of national versus non-national products (better/worse);ⁿ⁴ Fourth, the development of competences in the manipulation of these different aesthetic codes through a process of familiarization; 5) And, fifth, a post-hierarchical interest toward other cultures (“because they are Other”) characterized by an intentionality towards the Otherness.” (Cicchelli; Riegel, p.7-8)

Este conceito está diretamente conectado com um dos maiores temas da presente dissertação, as desigualdades. A mudança para uma estética mais cosmopolita pode mascarar as desigualdades, uma vez que a culturalização das sociedades consumistas, aliada a uma teoria do individuo gera acusações de que esconde desigualdades (classe, raça, geração, económicas, etc.) assim como de ser uma reprodução dessas desigualdades. (Cicchelli & Riegel, 2016)

Capítulo 3

Metodologia

3.1-Opções Metodológicas

A escolha da estratégia metodológica desta dissertação também teve alguns sobressaltos e explicarei o processo em maior detalhe nos parágrafos seguintes. Para Alan Bryman (2012, p.8-15) são oito as etapas estruturais numa investigação nas ciências sociais, sendo elas: a revisão da literatura; definição de conceitos e teorias; formulação das questões de investigação; definição da amostra; recolha de dados; análise desses dados; e, por fim, a redação. Contudo, haveria outras estratégias que poderíamos utilizar. Para Quivy e Champenoud (2008, p.4) são sete as etapas, começando pela pergunta de partida; seguido da exploração de leituras; problemática; construção do modelo de análise; a observação; a análise das informações e, por fim, as conclusões.

A minha escolha inicial passou pela convergência com Alan Bryman, mas com uma mistura dos ensinamentos de Quivy e Champenoud, isto é, procedi o meu trabalho consoante as oito fases de Bryman, mas com uma ordenação do último, sobretudo no panorama inicial. No entanto, aconteceu, por vezes, as diferentes fases decorrerem em paralelo, sobretudo numa fase mais avançada da dissertação.

A primeira fase deste trabalho começou já no ano letivo anterior com a formulação da questão de partida no decorrer da unidade curricular de Desenho de Pesquisa, seguido de uma ampla pesquisa sobretudo bibliográfica, mas também documental, de onde fiz uso de repositórios académicos e científicos, assim como a exploração de catálogos de bibliotecas, em especial, universitárias, das quais destaco a biblioteca do ISCTE e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A maioria da consulta foi feita em livros ou obras de referência, contudo estudos e artigos científicos também tiveram um papel determinante no presente estudo. Estas publicações estavam, muitas das vezes, disponibilizadas *online* e/ou em *websites* de instituições académicas.

A pesquisa sobredita foi a base do primeiro capítulo da presente dissertação, isto é, o “A revisão da literatura e Enquadramento Teórico” e todos os seus diversos subcapítulos, no qual expus o estado da arte dos mais diferentes conceitos e/ou temas/subtemas aos quais me comprometi a estudar.

Todo este estudo processo foi elaborado com base num esboço inicial do que seria o índice geral desta dissertação. Esse esboço inicial foi estruturado com o auxílio da obra de Umberto Eco (1977[2015]), denominada de Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas. Apesar de todo o processo ter seguido esse índice geral, o mesmo sofreu bastante alterações e reestruturações ao longo de todo o percurso. De resto a obra de Umberto Eco serve como um manual auxiliar durante todo o percurso desta dissertação.

3.2-Objetivos

Um dos meus principais objetivos tem de passar por estabelecer que a relação dos museus é com os seus públicos (o uso do plural é propositado, os museus têm públicos e não um único e homogéneo público) (Hooper-Greenhill, 1994). Apesar dessa pluralidade de públicos a minha proposta passa por estudar o segmento socioeconomicamente desfavorecido do público e não público dos museus.

As teorias pós-positivistas, aledas a uma leitura de Phillips and Burbules (2000), transmitem a ideia de que o conhecimento é conjuntural, sendo que a verdade absoluta não pode ser descoberta, uma vez que as evidências estabelecidas neste tipo de estudos são sempre falíveis.

Como tal, não me proponho a solucionar uma problemática que poderá existir sobre as opções de as pessoas em contexto desfavorecido participarem em visitas a museus. Ao invés pretende-se que o meu estudo possa contribuir para a produção de conhecimento sobre esta relação museu-público, através da análise de um contexto menor e bastante específico no município de Lisboa. Pretendo não só colocar questões, mas tentar encontrar uma resposta a questões como, qual a base dessa possível relação; existe conhecimento dessa oferta e procura; existe consenso entre os museus e esse setor populacional; quais os benefícios de uma possível relação; entre muitas outras questões.

Contudo tenho de explicar um ponto que tem particular enfoque numa das questões que coloquei, a questão do consenso, aleda à minha afirmação de não solucionar uma problemática que poderá ou não existir. A Constituição portuguesa de 1976 defende que “Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural.” (Constituição da República Portuguesa, Parte I, Título III, Capítulo III, Artigo 78º), contudo os dados já mencionados do Eurobarómetro demonstram que na resposta a um

inquérito sobre museus, uma grande parte dos inquiridos que não visitou museus no ano anterior ao inquérito, respondeu que faz essa opção por falta de interesse. Isto é, a constituição portuguesa, assim como a Declaração Mundial dos Direitos Humanos, defende a livre participação cultural, mas não a obriga, e bem. Como tal, não pretendo mudar a perceção das pessoas sobre os seus atos e sempre respeitarei a vontade individual de não querer participar nessa área cultural, ou seja, o meu objetivo não passa, de todo, por tentar um aumento direto de público socioeconomicamente desfavorecido nos museus, mas sim tentar entender se existe interesse e/ou entraves a essa participação.

Resumidamente, através de um estudo temático entre a oferta e procura foram definidos objetivos como:

- Compreender o papel dos museus na participação cultural das pessoas socioeconomicamente desfavorecidas
- Caracterizar as expectativas, experiências, necessidades e entrave que esse possível público sinta nessa relação
- Identificar convergências e/ou lacunas entre os inquiridos socioeconomicamente desfavorecidas e os museus estudados

3-3-Entrevistas Narrativas

Um dos métodos/estratégias qualitativas serão as entrevistas narrativas, isto é, uma estratégia de entrevista, em que o investigador, ao longo de diferentes sessões, explora intensivamente a narrativa de vida do entrevistado em questão, percorre diferentes fases da vida do entrevistado ao pormenor de modo a entender as suas vivências. No caso do atual trabalho, deu-se um maior destaque a uma linha conectora entre a vida pessoal dos entrevistados e a sua participação no meio cultural envolvente.

O termo “Entrevistas Narrativas” foi cunhado por Daniel Bertaux no seu livro *Narrativas de Vida* no qual defende que:

“Em ciências sociais, a narrativa de vida é o resultado de uma forma particular de entrevista, a entrevista narrativa. É uma entrevista durante a qual um/a «investigador/a» (que pode ser um/a jovem investigador/a, ainda estudante) pergunta a uma pessoa, que designaremos ao longo do texto como «sujeito», que lhe conte toda ou somente parte da sua experiência vivida, colocando a tónica - como adiante veremos - sobre o aspeto "vida social"” (Bertaux, 2020, p.1).

Esta escolha deu-se para obter uma visão aprofundada de diferentes experiências dentro de uma classe social marcada pela heterogeneidade. Ou seja, seguiu-se um tipo de amostragem purposive sampling (Bryman, 2012). É importante mencionar que este tipo de amostragem não permite, de todo, generalizar os resultados de toda a população portuense e/ou portuguesa.

Contudo, esta não foi a primeira opção metodológica teorizada e tentada. A primeira opção envolvia entrevistas realizadas a serviços educativos de museus portugueses, aliados à formulação de um inquérito a ser empregue em habitantes de bairros sociais no Porto. Contudo após leitura de bibliografia associada a dados obtidos num formulário teste, que consistiu num questionário elaborado por mim, com base em questionários prévios e em literatura sobre o tema, tendo, mais tarde, aplicado a um grupo pequeno de pessoas que se enquadrasse no grupo que pretendia estudar. Apesar disso, rapidamente me apercebi das limitações das perspetivas através de um inquérito anónimo pré-definido quer nas perspetivas a retirar, uma vez que poderiam resultar em números exatos sem qualquer contexto, quer nas opções e/ou dificuldades daqueles que preencheriam os inquéritos. A idade dos inquiridos revelou ser um grande obstáculo, assim como o nível de escolaridade que por vezes prejudicava ou complicava o entendimento das questões e, como tal, as respostas que o mesmo gerava. Após essa análise de prós (por exemplo um maior número de respostas) e contras (anteriormente explanados) achei por bem, e aconselhado pelo meu orientador mudar de estratégia.

Outra delimitação deveu-se a uma escolha pessoal da localidade em estudo. Optei por escolher o distrito do Porto, uma vez que se trata do distrito onde vivi toda a minha vida e, como tal, me sentia mais confortável a explorar e a proceder as entrevistas. Contudo, estando a estudar no ISCTE que se situa em Lisboa, impediu a realização de entrevistas em horário escolar, uma vez que as entrevistas seriam realizadas a pessoas de idades e experiências diferentes, impossibilitando assim a realização de entrevistas via online a certos entrevistados, pelas mais diferentes razões.

A delimitação deste campo de estudo a museus no distrito do Porto prendeu-se com vários fatores, entre os quais o facto de os museus da Área Metropolitana do Porto serem dos mais visitados em Portugal⁸, sendo, por isso, expectável uma presença mais dinâmica dos

⁸ Os museus da Área Metropolitana de Lisboa são os mais visitados, contando com um grande contingente de visitantes nacionais e estrangeiros.

diferentes públicos, associado à grande presença de turismo nacional e internacional que dinamiza as atividades culturais da cidade.

Por último, aquando da seleção da temática tive em conta a possível seleção de museus que se encontravam associados à RPM (Rede Portuguesa de Museus) e sob a alçada da Direção Geral do Património Cultural “A atual DGPC⁹ criada pelo Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio, na sua redação atual, sucede nas atribuições de dois anteriores institutos públicos: o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I. P., e o Instituto dos Museus e da Conservação, I. P.” (Decreto-Lei n.º 78/2023), agora reorganizada “assumir pelo novo organismo denominado Património Cultural, I. P.,” (Decreto-Lei n.º 78/2023).

Apesar desta reorganização de uma instituição que se via desajustada e excessivamente centralizada, as missões e valores definidos na Constituição de Portugal, continuam a ser defendidos na mesma, isto é, a mudança/reestruturação deste órgão não afeta diretamente ao presente estudo ao ponto de causar um problema inexistente até então.

Com esta diferente amostra de instituições, cuja presença social acaba por ser de uma falsa heterogeneidade, isto é, o perfil social aparenta ter as suas diferenças, mas aquando de uma análise mais cuidada percebe-se que existe uma homogeneidade em diferentes grupos, isto é, os entrevistados apresentam contextos semelhantes, e os inquiridos apresentam contextos semelhantes, embora opostos aos anteriores.

Como não poderia deixar de ser numa investigação, se o último enfoque não fosse incluir o parecer pessoal das próprias pessoas socioeconomicamente desfavorecidas. Para esse objetivo, optou-se por inquirir pessoas que se enquadrassem num critério bastante simples: encontravam-se numa situação socioeconomicamente difícil/desfavorecida. Para tal, procedeu-se a uma pesquisa dos bairros lisboetas que se enquadrassem neste contexto, inquirindo os seus habitantes, num questionário opcional.

3.4-Métodos de Pesquisa

John W. Creswell (2003) defende que existem três tipos de designs de pesquisa pelos quais podemos optar, são eles os métodos qualitativos, quantitativos e um modelo misto. Inicialmente

⁹ O organismo conhecido como DGPC foi extinto, contudo, aquando da escrita da citação a mesma ainda era o expoente máximo do Património Cultural português daí o uso do tempo presente naquele contexto.

na formulação deste projeto pretendia estruturar o meu trabalho através de um modelo com uso de métodos qualitativos, contudo com o avançar do trabalho e formulação de novas teorias percebi que métodos qualitativos, que Creswell define como o uso de variáveis que tipicamente podem ser medidas, enumeradas e analisadas através de processos estatísticos (2009, p.4) pudessem não ser suficientes.

Como tal, percebi rapidamente que sendo a questão de investigação da presente dissertação direcionada para uma perspetiva de descrição e avaliação crítica de experiências, centrada na compreensão de contextos individuais, a abordagem de pesquisa qualitativa seria a que mais se destacava. Contudo, embora os métodos qualitativos dominem o grande teor desta dissertação a mesma não se cingirá apenas a eles.

Vai ser feito o uso de técnica de entrevistas semiestruturadas com o objetivo de recolher dados respeitantes a instituições culturais (seus serviços educativos e públicos mais propriamente), que embora tivesse um enfoque em obter informações qualitativas, podia também obter dados quantitativos (Bryman, 2012).

Contudo os dados sobreditos não foram a única abordagem quantitativa aplicada. Empregou-se também a aplicação das sobreditas entrevistas narrativas (Bertaux, 2020).

Ou seja, aplicou-se um método de pesquisa misto no qual combinei a pesquisa qualitativa e quantitativa, embora nem sempre os métodos convergem cronologicamente, processo a que Creswell apelida de Two-phase design. Os métodos diferenciam-se na sua aplicação com o cuidado de tentar utilizar o método mais adequado para os diferentes participantes do estudo. Creswell afirma que o método misto é mais vantajoso para o investigador que o empregue, através do confronto/complementação de dados qualitativos e quantitativos.

Em suma, a recolha de informação e dados relativamente aos casos que pretende focar dividiu-se em diferentes fases sendo elas:

- Pesquisa de informações/dados através do website, dos serviços de serviços culturais e da sua programação
- Pesquisa de informações relativa a atividades com públicos específicos
- Entrevista narrativa a indivíduos que se enquadrem na definição em estudo
- Comparação e confronto dos dados obtidos

3.5-Entrevistas

O contacto inicial com os entrevistados ocorreu pessoalmente, com exceção da fundação, onde foi feito uso do e-mail, no início do ano de 2024, com vista a entender se existia uma disponibilidade e vontade em marcar uma entrevista em contexto futuro, onde expliquei o meu objetivo com a presente dissertação, o papel e importância que pretendia retirar de uma possível entrevista. A disponibilidade para as entrevistas foi deixada à escolha dos entrevistados, entre as diferentes hipóteses foram a realização de entrevistas presenciais ou via zoom.

Sendo uma entrevista narrativa foi aberta a possibilidade de serem feitas várias sessões com os entrevistados de modo a não cansar/estimular demasiado os entrevistados, assim como obter perspetivas “frescas” em cada sessão. As respostas foram afirmativas, pelo qual a partir de abril de 2024 as entrevistas começaram a ser feitas, tendo a última sido realizada no início do mês de junho de 2024.

Como tal, optei por realizar entrevistas, por vez mais que uma sessão, para evitar o cansaço dos entrevistados e permitir que o mesmo tenha outra oportunidade para recontar as suas histórias caso se tenha esquecido numa sessão anterior.

Foram no total três entrevistas a pessoas que se enquadrem nos quadros de classe popular ou socioeconomicamente desfavorecidas. Para proteção dos dados e privacidade dos entrevistados não irei, em momento algum, referir-me aos seus nomes reais. Poderei, contudo, seguir um método bastante usado na academia, no qual me referirei aos mesmos por nomes fictícios atribuídos por mim.

No entanto, os dados relativos aos entrevistados serão reais, a idade, passado social, profissão, nível de escolaridade, entre outros detalhes a apresentar. Como foi explicitado anteriormente, todos os entrevistados são naturais do distrito do Porto e, como tal, muitas das suas experiências pessoais e culturais serão relativas a esse mesmo distrito, contudo aquando da utilização de regionalismos ou referências a atividades específicas a esta zona geográfica do país, farei uso do sistema de notas de rodapé na presente dissertação para prontamente explicar o evento e a sua conexão.

A seleção dos indivíduos entrevistados não foi aleatória, uma vez que foi meu objetivo a seleção de três pessoas com características diferentes, para captar experiências diferentes consoante as vivências dos entrevistados e tentar transmitir a heterogeneidade existente na classe popular. Como tal, foi entrevistada uma estudante universitária de 22 anos, uma recém

reformada, de 67 anos e um reformado por invalidez que ainda tem experiência profissional ativa através de “biscates”, com 66 anos de idade.

Após as respostas afirmativas ao meu convite desloquei-me ao Porto para as entrevistas que necessitavam de ser realizadas pessoalmente, numa tentativa de deixar mais confortáveis os entrevistados com uma idade já avançada e cujo acesso a meios tecnológicos recentes é bastante restrito. Foram feitas múltiplas sessões de entrevistas em dois dos três entrevistados. As entrevistas tinham duração média de entre uma hora e meia e duas horas de modo a não cansar o entrevistado e deixar uma certa abertura para uma possível entrevista adicional, quer para tratar temas que não foram abordados em entrevistas anteriores, quer para tranquilizar o entrevistado. As entrevistas começaram a ser realizadas nos meses de maio, com a última sessão realizada já no mês de junho. As entrevistas eram gravadas com recurso a um programa de telemóvel e, mais tarde, transcritas a computador para análise.

Capítulo 4

Resultados das Entrevistas

4.1- Caracterização socioeconómica dos entrevistados

Antes de partirmos para uma análise detalhada dos dados temos de abordar a caracterização dos entrevistados. Como foi anteriormente dito, o anonimato dos entrevistados será mantido, com visto à proteção dos dados dos mesmos. A garantia desse mesmo anonimato no tratamento de dados foi o primeiro passo da entrevista, no qual os três entrevistados aceitaram o tratamento dos seus dados e das suas respostas, embora de modo sempre anónimo.

Como tal, irei referir aos três entrevistados por nomes fictícios que usarei ao longo da dissertação, para melhor compreensão do leitor. Apesar disso, os detalhes associados aos nomes falsos serão verdadeiros e representativos de todos os entrevistados. Um detalhe importante sobre os três entrevistados é que os três são residentes no distrito do Porto, em três localidades diferentes, todas elas em subúrbios do distrito do Porto, em zonas economicamente mais desfavorecidas.

A ordem pela qual apresentarei os entrevistados será pela ordem das entrevistas realizadas, ou seja, começarei pela Ana¹⁰. A Ana é do género feminino, 67 anos de idade e encontra-se recentemente reformada. Contudo, por vezes, ainda presta serviços de limpezas a antigos clientes como um complemento monetário para o seu quotidiano.

O percurso profissional, assim como muita gente da sua geração começou bastante precocemente. Frequentou o ensino primário, onde completou a quarta classe com 9 anos. Revela ainda que, embora gostasse do ambiente escolar e fosse um objetivo próprio continuar os estudos, a situação económica dos pais obrigou-a a deixar para trás esses sonhos e, com apenas nove anos de idade, Ana partiu para a sua primeira experiência profissional. Começou por trabalhar como assistente num “alfaiate de blusões de couro”, trabalho esse que requeria bastantes horas de trabalho. Aquando da saída do horário de trabalho, Ana iria para casa onde teria de ajudar com os afazeres de casa. Contudo, Ana, anos mais tarde, decidiu que queria cumprir o sonho que lhe tinha sido impedido de estudar e, já depois dos seus 50 anos, volta à escola e termina o nono ano de escolaridade.

¹⁰ Nome fictício para manutenção do anonimato

Ana foi a primeira de sete irmãos (vivos, sendo que outros sete terão falecido ou na nascença os nos seus primeiros dias) a completar a quarta classe e, como tal, aleado a contactos por parte do pai, rapidamente encontrou esse emprego. Contudo, aos 14 anos decidiu mudar de carreira, uma vez que não apreciava aquela arte, seguiu-se para a litografia, no entanto anos mais tarde voltou para a costura. O restante percurso profissional foi bastante atribulado com trabalhos de pequenas durações. Contudo, a grande parte da sua vida profissional deu-se no ramo das limpezas, por vezes por conta própria, ou ao serviço de outrem, serviços esses, que assim como explanei anteriormente, presta até hoje como complemento monetário, uma vez que considera que a compensação monetária que recebe através da reforma não é suficiente para uma vida estável.

A Ana provém de um meio de classe popular humilde típica de um Portugal ditatorial. A mãe era dona de casa, teve diversos trabalhos durante a sua vida, mas após a morte de diversos filhos, dedicou-se a tempo inteiro aos deveres de casa, deixando apenas o pai de Ana a trabalhar, como construtor civil e, mais tarde, roupeiro do Futebol Clube do Porto.

Apresentados alguns detalhes de Ana, passamos agora para o segundo entrevistado, Joaquim¹¹. Este entrevistado é da mesma geração da anterior, sendo apenas um ano mais novo com 66 anos de idade. Sendo de gerações semelhantes o percurso quer escolar quer profissional não é muito diferente, contudo optei por realizar ambas as entrevistas, uma vez que os géneros são diferentes e, como tal, as vivências seriam provavelmente diferentes, assim como a relação que ambos têm com a cultura e o ambiente envolvente.

Assim como aconteceu com a anterior entrevistada, o Joaquim apenas completou a quarta classe, embora quisesse continuar os estudos, seria necessário um esforço monetário enorme por parte dos pais para conseguir fazer isso, como tal, decidiu abandonar a escola aos nove anos e partir para uma aventura profissional.

Atualmente Joaquim encontra-se reformado por invalidez, devido a uma doença cardíaca nos seus 30 anos que o impossibilitou de trabalhar. Contudo, assim como acontece com Ana, Joaquim continua a prestar serviços de pintura e/ou construção civil, meros biscates, para conseguir ter uma vida digna. A compensação monetária que recebe através da reforma é, segundo as palavras do próprio, “uma ninharia” e, como tal, precisa de obter rendimentos através de outros métodos para conseguir atingir um estatuto confortável.

¹¹ Nome fictício para manutenção do anonimato

Joaquim começou, aos nove anos, a trabalhar como um “faz-tudo”, tendo desempenhado funções como “picheleiro, pintor e trolha”, funções essas que desempenhou durante toda a sua vida profissional e pós reformado. Apesar de ser natural do Porto, distrito onde viveu durante toda a sua vida, desempenhou essas funções por Portugal inteiro, tendo trabalhado em Lisboa, Santarém, Algarve, Aveiro, Açores, Madeira, entre “tantas outras localidades”.

Á semelhança de Ana, Joaquim também provém de raízes humildes da classe popular, a mãe desempenhava as funções de doméstica, deixando apenas o pai com funções profissionais fora de casa, com as funções de electricista. O pai de Joaquim tinha um trabalho instável e, como tal, mudava de empregador de forma constante, até que se estabiliza, anos mais tarde, numa posição na STCP, trazendo maior conforto para uma família que, pelas palavras do entrevistado, “até então passava bastantes dificuldades”.

Por último, quero focar na Carolina¹². A Carolina é uma entrevistada com experiências diferentes dos anteriores. Para começar tem apenas 22 anos, nasceu num mundo bastante diferente dos anteriores, num Portugal pós-ditadura, ao contrário dos anteriores dois entrevistados.

A Carolina tem mais que a quarta classe de escolaridade, aliás, neste momento ainda é estudante de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo já obtido o grau de licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Contudo, a sua experiência não é apenas académica, tendo desempenhado funções de operadora de caixa num supermercado nacional. As razões citadas para a combinação entre os estudos e a vida profissional são, assim como os restantes entrevistados, questões monetárias. Os custos de vida associados aos estudos (propinas, transportes, alojamento) tornaram-se demasiado dispendiosos.

A Carolina vem de um meio familiar de classe popular com a mãe a trabalhar numa oficina por conta de outrem e o pai, também trabalhador por conta de outrem, era pintor de construção civil. Para além dos pais, Carolina tem um irmão mais novo, também estudante, e viveu parte da sua vida com a avó que, aquando do seu nascimento, era desempregada.

¹² Nome fictício para manutenção do anonimato

4.2-Análise das entrevistas

Tendo analisado o contexto socioprofissional dos entrevistados, chegou a altura de analisar o conteúdo das entrevistas numa perspetiva comparativa para com a bibliografia, de modo a conseguir um confronto entre as vivências dos entrevistados com as investigações feitas por investigadores da área.

É importante lembrar que a amostra de entrevistados recolhida nesta dissertação é intencionalmente curta e não pretende, de qualquer forma, fazer uma generalização das práticas culturais de toda a classe popular ou de todos os portugueses com problemas socioeconómicos. Ao invés, pretendo apenas tratar as vivências e experiências culturais destes três entrevistados e tentar perceber e/ou relacionar padrões que nos permitam estudar a temática principal desta dissertação, isto é, a ligação entre as classes populares e as práticas culturais existentes em Portugal.

Este ponto da dissertação terá auxílio de várias transcrições diretas de partes das entrevistas realizadas, assim como de quadros e gráficos para o melhor entender por parte do leitor. Sempre que for feito uso de tais gráficos ou quadros, será sempre acompanhado por uma legenda, assim como pelo menos um parágrafo auxiliar em que o conteúdo será explicado de forma sucinta e direta.

É importante mencionar que se trata de uma coletânea de memórias e, como tal, estarão recheadas de juízos de valor, contudo o meu objetivo enquanto investigador nesta dissertação não será de avaliar ou negar qualquer juízo de valor que o entrevistado tenha, apenas o representarei e analisarei como qualquer outro dado, deixando sempre de lado uma possível visão pessoal que possa ter sobre qualquer tema ou momento histórico analisado. Em momento algum darei qualquer opinião de caráter político ou semelhante, pelo qual todo o tom representado no trabalho será apenas e só factual ou então um retrato e/ou transcrição de algo que um dos entrevistados poderá ter dito.

Confesso que foi bastante árduo decidir como abordar a apresentação dos resultados, contudo após uma primeira teorização e tentativa de análise pareceu-me que os dados variavam bastante consoante o avançar da vida dos entrevistados, assim como as justificações para as suas opções. Como tal, optei por decidir abordar estes resultados através de diferentes fases de vida, isto é, durante o período escolar, que como podemos analisar nos parágrafos anteriores,

nem sempre é o mesmo, durante o período em que já estão inseridos na vida profissional, e o período que atualmente se encontram. Como o parágrafo anterior explica, foi uma opção puramente pessoal, de um modo a que me parecesse facilitar a vida do leitor.

A verdade é que, embora tencione analisar diferentes períodos das vivências pessoais, a verdade é que há que ter atenção a alguns detalhes que irei prontamente mencionar. O primeiro é que numa tentativa de obter testemunhos diferenciados do mesmo grupo social, acabamos por entrevistar gerações diferentes e, como tal, abordamos diferentes tempos políticos de Portugal. Iremos explorar duas entrevistas que exploram infâncias num Portugal do Estado Novo¹³, ou seja, panoramas políticos e culturais bastante diferentes dos que irá relatar a jovem nascida no século XXI.

Outra das razões para esta primeira divisão advém da revisão da literatura e vai ao encontro dos resultados que obtive com as entrevistas realizadas, isto é, a relação dos serviços educativos culturais e as escolas. Gabriela Figurelli (2015) defende que aquando das criações das primeiras atividades educativas (neste caso nos museus), ainda em tempo ditatorial, 1953 mais propriamente, o foco principal seria a relação do museu-escola.

Assim sendo, tendo obtido previamente estes dados, é natural que uma parte da estrutura da minha entrevista¹⁴ foque nos tempos escolares e em possíveis atividades culturais realizadas durante esse contexto. Apesar das diferenças geracionais e uma expectativa de obter respostas diferentes, realizei as mesmas questões aos três entrevistados e as respostas serão expostas agora.

Assim como referido anteriormente os primeiros serviços educativos de museus e instituições culturais surgiram num Portugal de Estado Novo e, embora se tenham popularizado num Portugal democrático, é importante deixar bem claro a ressalva que sim existiam e teriam, apesar de em menor número, uma amostragem de planos.

A verdade é que os três entrevistados referem as lembranças de infância, quer escolares, quer a nível pessoal, com bastante felicidade e nostalgia o que levou a uma clara maior abertura aquando da abordagem deste tema. Ana, Joaquim e Carolina recordam os seus tempos de

¹³ Regime Político vivido em Portugal entre 1933-1974

¹⁴ Embora a mesma fosse semiestruturada e se regesse sobretudo pelas respostas dos entrevistados, a mesma tem um guião (ver em anexos) com pontos fulcrais para a conversa

infância mencionando as diferentes atividades que lhes ocupavam o tempo livre que haviam tido. Contudo, no contexto escolar as respostas variam consoante as gerações.

Carolina, mais nova e ainda estudante, recorda com clareza os seus primeiros tempos num contexto escolar/social, começando por explicar que frequentou o infantário da qual se lembra de serem “só atividades de tipo lazer”. Embora Carolina use o termo lazer¹⁵, a mesma passa a descrever atividades que, apesar de serem atividades de lazer, são, também, atividades culturais. Começa por descrever que um dos principais fatores de integração passa por atividades relacionadas a artes plásticas. Embora essas atividades fossem uma constante no dia a dia dos estudantes, por vezes, de acordo com a entrevistada, eram relacionadas a datas comemorativas, como feriados ou “dia da árvore”¹⁶.

A entrevistada refere que frequentou o infantário por mais que um ano, o que a fez recordar de algumas diferenças notadas com o passar dos anos. No último ano que frequentou o infantário recorda o avançar do ensino de onde foi dada maior prioridade ao ensino do alfabeto e “outros assuntos escolares”, assim como um avançar das atividades de lazer/culturais que faziam, deixando a exclusividade de simples atividades de artes plásticas e acrescentando atividades teatrais de onde se destacavam alguns espetáculos que os mesmos realizavam.

A Carolina, talvez por ser de uma geração mais recente, foi a única a mencionar que frequentou o infantário, tanto Ana como Joaquim não fazem menção aos mesmos, partindo diretamente para o ensino primário.

Após o infantário, Carolina segue para o ensino primário, contudo não teve um percurso escolar linear, sendo que mudou de instituição de ensino por diversas vezes, quer devido a movimentações familiares, quer relacionados ao corpo docente das mesmas. Apesar do percurso atribulado recorda-se bem do currículo que frequentou. Deu destaque às aulas de português, matemática e também “de pintura”. Ou seja, é possível denotar uma constante aposta na formação artística dos estudantes desde uma idade bastante tenra.

Contudo, a maior mudança verificou-se com a introdução das “visitas de estudo” muitas vezes associadas a património cultural e/ou outras atividades culturais. No caso de Carolina a

¹⁵ É uma constante ao longo das diferentes entrevistas realizadas, uma vez que o setor cultural está muitas vezes intrinsecamente ligado ao tempo livre de uma pessoa e, como tal, associado ao lazer, por isso não nos surpreende que, assim como acontece com Carolina, mais atividades culturais vão ser referidas como atividades de lazer.

¹⁶ Sempre que for feito o uso das aspas em contextos semelhantes a estes, se não for acompanhado de uma referência é porque se trata de uma transcrição literal de algo que o entrevistado terá dito durante a entrevista.

mesma recorda-se de algumas situações em que “ia ver algumas peças de teatro, se não me engano”, assim como uma visita a uma fábrica de cortiça, e ainda certos monumentos culturais, de onde destaca um museu “dos descobrimentos”. Este é o primeiro exemplo que encontramos nas sessões de entrevistas do papel dos serviços educativos das diferentes instituições culturais e o seu constante trabalho com as escolas.

No entanto, esta experiência de Carolina não é transversal quando comparada com as restantes entrevistas. Carolina destaca-se pela sua idade mais tenra quando comparada aos outros dois entrevistados que fizeram os seus estudos no século passado e, como tal, o sistema de ensino apresenta bastante diferenças quando comparado com o que se encontra atualmente em curso.

Tanto Ana como Joaquim revelaram um contexto escolar bastante diferente do de Carolina, mas bastante semelhante entre si. Os dois entrevistados têm diferença de idade de apenas um ano e, embora fossem de género diferente, frequentaram as escolas num período semelhante e, como tal, a sua experiência acaba por ter muitas semelhanças.

Ambos referem com nostalgia esse tempo de infância “sem muitos problemas” cuja única obrigação seria ir às aulas e ajudar os pais com os deveres de casa, podendo “aproveitar o tempo livre para ir para a rua brincar”. Referem um contexto escolar rodeado de bastante seriedade, com indicações religiosas e propagandísticas típicas de ditaduras semelhantes à que Portugal viveu durante o período. Outra semelhança é que ambos apenas estudaram até completar a quarta classe da escolaridade, a qual terminaram com 9-10 anos de idade.

Referem um período escolar bastante “rigoroso” e “severo”¹⁷ cujo ocupação principal seria na matéria lecionada sem grande período para atividades didáticas semelhantes às dos nossos dias, focando no ensino do conteúdo dos livros escolares. Ambos referem uma total ausência de visitas de estudo ou ações educativas semelhantes durante o seu período escolar. Contudo, isto não refere uma total ausência de dados relativos a atividades culturais, embora estas informações apenas se revelassem aquando da descrição dos períodos de recreio.

Quando questionada sobre se existiam certas atividades na escola, Ana responde com “Nada, nada, nada. Era só o básico. Ler, escrever e escrever. Ah! E a história de Portugal”. Joaquim retrata um ambiente semelhante respondendo que “Não, não.” Quando questionado

¹⁷ Trata-se de palavras proferidas por ambos Ana e Joaquim. Recordar parágrafo anterior quanto aos juízos de valor, nenhum destes juízos é feito pela minha pessoa e sim pelos entrevistados.

sobre a realização de certas atividades, relembrando ainda o esforço que faziam para aprender a História e Geografia de Portugal.

Contudo, isso não revelava uma ausência total de período de lazer de onde se destacam algumas respostas interessantes. Carolina diz que, “em nova”, gostava de passar os seus tempos a brincar com as colegas e, sobretudo, a ler, prática essa incentivada pelas escolas. Já os mais velhos recordam-se dos intervalos de aula onde brincavam a certos jogos tradicionais, alguns em vias de esquecimento nos dias de hoje, como “jogar ao ferrinho, à malha”.

Um outro ponto que interliga o desportivo ao cultural bastante focado nas entrevistas é o futebol. No livro *As Classes Populares* de João Teixeira Lopes, Francisco Louça e Lúcia Ferro, os autores revelam a importância que o futebol sempre deteve:

“O futebol é considerado uma prática popular por excelência, tendo sido instrumentalizado no processo de reforço da identidade nacional pelo regime do Estado Novo, mas também usado como bandeira na construção de um «nacionalismo alternativo aos nacionalismos dominantes» por parte dos comunistas portugueses durante a ditadura” (Lopes, Louça, & Ferro, 2017. p.170)

Revelam ainda que o futebol está intrinsecamente ligado às classes populares e que, por vezes, os comportamentos e ambivalências dos mesmos são retratados no comportamento visível nos estádios de futebol. Pode ainda revelar-se, sobretudo, nos grupos e/ou clubes associativos das ditas “terrinhas” de pequena dimensão, onde a participação popular é muito mais sentido (Lopes, J.T, Louça, F., & Ferro, L. p.171).

Joaquim comprova este tom envolvente do futebol como associação cultural na sua entrevista, mencionando o envolvimento no agora extinto clube de futebol Ermesinde Sport Clube, recordando os tempos áureos em que o clube consegue garantir uma subida ao segundo escalão profissional do futebol em Portugal. O sentimento integrador e de representação era de tal forma presente que a claque associada do clube à qual pertencia uma boa fração da cidade, chegou a ser considerada a quinta melhor claque associativa do país (Foto em Anexo).

O sentimento popular de uma cidade é muitas vezes associado à identidade de um certo clube, sendo todos os entrevistados da cidade do Porto e apoiantes do Futebol Clube do Porto, foi referido, por dois dos entrevistados, aquando do tema futebol o estilo do jogo do clube como “jogar à Porto” com “raça”.

Refiro este sentimento popular e cultural típico da cidade do Porto, pois as recordações dos três entrevistados faziam menção ao poder unificador do futebol, quer através dos jogos entre amigos nos tempos livres da escola, quer nos festejos aquando da vitória do clube que apoiam. Ana refere que se relembra com “perfeição” das noites de festejos do clube onde o pai trabalhava que levavam as pessoas da sua ilha¹⁸ iam para a rua, embora que por vezes à “socapa”. Recordar-se que, apesar de por vezes serem pouco duradouros, esses festejos uniam a classe popular para a rua, dançavam, tocavam instrumentos improvisados e sentiam a união e felicidade popular.

Apesar destes momentos de lembranças culturais e de união, a verdade é que à medida em que a infância vai evoluindo e o panorama muda de escolar para profissional, as lembranças tornam-se bastante diferentes. Continuam a ser lembradas com a felicidade e nostalgia de quem tem oportunidade de contar a sua vida, contudo os momentos de lazer e práticas culturais vão diminuindo.

O parágrafo anterior retrata um problema que ultrapassa gerações, como foi possível constatar nas minhas entrevistas, uma vez que os três entrevistados relembram o momento em que entraram no mercado de trabalho como um momento de quebra com o passado, um momento em que o foco mudou e o tempo escasseou.

Como já mencionou na descrição dos entrevistados, para os dois entrevistados mais velhos, Ana e Joaquim, isso foi um facto que começou ainda com uma tenra idade, tendo em conta que ambos relembram o primeiro emprego com apenas nove anos de idade, assim que acabaram a quarta classe. Tendo isso em mente não nos é difícil acreditar que tenha sido uma quebra radical das rotinas que até então tinham. É algo que atualmente choca a geração mais nova, contudo era uma situação normal, a inserção de jovens que ainda nem haviam atingido a puberdade em contextos profissionais. Por vezes nem completavam qualquer nível de escolaridade e partiam diretos para o mercado de trabalho infantil legal e normalizado até então. Já Carolina começa o primeiro emprego com 20 anos numa tentativa de conciliar a vida profissional com a académica, assim como um pouco de lazer.

Todos eles descrevem esta mudança, embora esperada, como abrupta. Carolina refere a dificuldade que foi balancear o emprego na Póvoa do Varzim, com a universidade no centro do

¹⁸ Nome pelo qual é denominado (geralmente pejorativo) certo grupo de habitações

distrito do Porto. As deslocações ocupavam uma grande parte do tempo livre da mesma, deixando-a com a sensação de exaustão e afetando quer a sua vida, académica, quer pessoal.

Já Ana e Joaquim revelam o sentimento de descontentamento com o facto de que tiveram de abandonar os estudos, algo que não foi feito por vontade dos próprios, uma vez que, como já foi explanado anteriormente, os mesmos pretendiam seguir os estudos, mas por motivos económicos e familiares essa oportunidade foi-lhes negada. O começo da vida profissional numa tão tenra idade foi-lhes impactante, aconteceu um choque de realidades que até então desconheciam. A vida passou de estudar com os amigos e brincar na rua para um trabalho com horário completo e, no caso de Ana, uma vez que se trata de uma mulher, ter de dividir os afazeres domésticos com a mãe, cuja profissão era doméstica.

Ambos se integraram no mercado de trabalho com bastante facilidade, no que a garantir emprego diz respeito, contudo, a sua vida social diminui bastante. Recordam com alguma tristeza que as “saídas” que até então tinham para diversão diminuíram ou em certas épocas do ano tornaram-se completamente nulas, algo que ia mudar assim que atingissem a maioridade, num Portugal já pós 25 de abril de 1974. Referem que as saídas ao café para socializar, falar de assuntos do dia, fossem eles o futebol ou desporto anteriormente mencionado, política ou simples conversas de café a verdade é a reintegração de um panorama social e, por conseguinte, cultural deu-se numa fase mais avançada da sua vida.

Contudo, repare que no parágrafo anterior eu explicitiei que em certas épocas do ano seriam nulas as saídas sociais. No entanto, o oposto também existia. Os três entrevistados fizeram referência a um dos símbolos maiores da cultura portuguesa, as “festas da terrinha” como carinhosamente todos eles apelidaram, os ditos Santos Populares.

Os Santos Populares foram uma constante nas vidas destes entrevistados e no decorrer destas entrevistas, uma vez que as primeiras referências que aparecem às mesmas trata-se de referências à infância dos três entrevistados e as últimas aos anos atuais. Dentro de todas estas festividades foram mencionados especialmente, o São Lourenço¹⁹; Santa Rita²⁰; Senhor de Matosinhos²¹e, como não podia deixar de ser, o tão famoso São João²².

¹⁹ Festa Popular que celebra São Lourenço, santo padroeiro de Ermesinde

²⁰ Festa Popular que celebra Santa Rita, decorre em Ermesinde/Maia

²¹ Festa Popular que decorre em Matosinhos

²² Festa Popular que celebra São João, é festejada em todo o distrito do Porto

O São João é uma celebração carregada de contingentes culturais, através da música, divertimentos, jogos, comunicação, entre tantos outros e, é muitas vezes descrito como unificador de classes sociais. É uma celebração sobretudo noturna que junta a classe mais alta da cidade até aos mais desfavorecidos que, por uma vez por ano saem à rua em conjunto para festejar, cantar, comer e beber comidas tradicionais da região²³ e sem resistir a tradições antigas que resistem até aos dias de hoje como o manjerico, balões de São João, assim como, o famoso martelinho de São João que une os mais jovens aos mais velhos numa euforia contagiante.

A verdade é que a literatura acerca dos Santos Populares e o seu papel a nível cultural e as suas implicações no turismo não são um tema recente e são diversas as dissertações acerca do tema, como tal, apenas irei focar apenas num contexto histórico-cultural da festa em torno do São João, uma vez que foi a constante durante a conversa com os entrevistados.

Os festejos associados aos Santos Populares variam consoante o distrito ou localidade em que nos encontramos, ganhando forma através de romarias, lançamento de balões, concertos, ou marchas populares, com maior destaque nos bairros lisboetas, como Alfama (Costa, 1999, p. 159).

Susana Gastal defende que apesar o papel importante que detêm na sociedade portuguesa, as festas em torno dos Santos Populares são pouco estudadas no que à sua historicidade diz respeito, talvez por falta de acervo de documentos, recorrendo apenas a história oral. Contudo, refere que a Festa de São João no Porto, é uma exceção a este cenário, uma vez que a sua história documentada remonta à *Crónica de D. João I* escrito por Fernão Lopes, no ano de 1384.

“Oficialmente, as festividades católicas de 24 de junho celebram o nascimento de São João Baptista, mas sabe-se que estas celebrações remontam a festas pagãs, onde o povo celebrava o solstício de verão e a fertilidade e a abundância das colheitas.” (Jesus, 2021, p.59-60).

São diversas as menções às festividades de São João e as suas particularidades durante a história. Um dos acontecimentos históricos que melhor demonstra o papel fundamental que estas festividades têm na cidade do Porto decorre aquando das Invasões napoleónicas a 1808,

²³ Alguns dos pratos de eleição para os portuenses, no São João, são o caldo verde, as sardinhas, o entrecosto, entre outras comidas de “rua”

quando o general Junot proíbe atividades marcantes das festividades populares como as fogueiras, foguetes e bombas, para as festividades de São João, São Pedro e São Marçal, sendo que essas proibições foram aplicadas não só na cidade do Porto, mas também na cidade Lisboa. Apesar das ordens bem expressas, os habitantes portuenses revoltaram-se contra os invasores franceses, deixando as proibições sem qualquer efeito na cidade do Porto (Pacheco, 2004).

Para Pacheco (2004, p.10), as festividades de São João são a celebração “dos portuenses feitos cidades – e que fazem a cidade”, destacando ainda que existe claros paralelos entre as alterações urbanas que a cidade vai enfrentando e as mudanças na tradição dos festejos. A título de exemplo, eu exprimi a importância dos balões de São João que iluminam a noite da véspera das comemorações. A introdução desta prática apenas se sucedeu no século XIX, aquando da decoração das ruas com ramos de carvalhos e bandeirolas, saindo dos “«comes e bebes», a música, descantes e danças, a fogueira nos quintais nas ruas” (Basto, 1939, p.45).



Imagem Nº1- Fotografia a ilustrar o lançamento dos típicos balões de São João.

Os entrevistados mais velhos recordam-se de celebraram o São João recordam com grande felicidade: destacando que “o povo todo da rua cá fora, comíamos bem, uma vez por ano, e fazíamos a festa e música entre nós”; “era uma grande festa porque a família estava toda junta para assistir aos festejos da rua, mesmo que não fossemos para longe de casa”.

Contudo, hoje o São João já apresenta algumas diferenças, o que vem acompanhado de críticas que apontam para a transformação das festividades populares num marco turístico da cidade, o que pode levar à subida de preços, menor envolvimento da classe popular nos festejos

e nas palavras de um entrevistado “perda da essência popular” dos festejos, relatando que “agora se fores à baixa durante o São João só vês sardinhas a preços ridículos e mal ouves português, o que para mim é bastante triste”. Apesar da grande presença de turistas em certas zonas da cidade como é o exemplo da Ribeira da cidade do Porto, as celebrações estendem-se pelas ruelas das mais diferentes localidades do distrito.

Atualmente as festividades de São João continuam a envolver bailes, lançamentos dos balões (embora com certas ressalvas legais²⁴) (Observador, 19/06/2024), aleada à continuação dos «comes e bebes» como a sardinha e caldo verde.

As restantes festas populares mencionadas também preveem de uma celebração religiosa, embora o contexto religioso seja colocado em segundo plano e visto mais como uma atividade de lazer/cultural, onde as pessoas deslocam-se às mesmas para ir assistir a concertos, participar nas romarias e, ainda, sobretudo no caso dos mais jovens, participar nos diversos divertimentos presentes durante esses festejos populares, desde os carrosséis aos já icónicos carrinhos de choque.

Este último exemplo acrescenta um ponto interessante à nossa discussão, uma vez que levanta alguns questionamentos importantes para um investigador. Com exceção de Carolina, que apresenta traços de omnívora cultural (a discutir mais à frente), os restantes entrevistados apresentavam algumas ressalvas quando questionados se haviam visto algum concerto recentemente. Ana e Joaquim prontamente responderam que não haviam visto qualquer concerto recentemente, contudo, lembrei-os que responderam afirmativamente a terem participado em festas populares, das quais concertos são uma grande atração. Aquando recebida esta informação prontamente me responderam “Oh! Isso não é bem um concerto” ou “É pimba, não sei se conta”.

Isto levanta duas questões, ambas bastante interessantes e que tentarei explorar nos próximos parágrafos. Uma delas é a fiabilidade das respostas a inquéritos e entrevistas deste tipo. Portugal é um país bastante envelhecido e cuja classe popular envelhecida apresenta, muitas das vezes, baixos níveis de escolaridade, típicos do seu tempo, o que muitas vezes pode estar aleado a um desconhecimento geral do panorama cultural ou certos padrões²⁵. A título de

²⁴ In: <https://observador.pt/2024/06/19/lancamento-de-baloos-de-sao-joao-permitido-entre-as-21h45-de-23-de-junho-e-01h00-de-24/>

²⁵ A descrição de “baixo nível de escolaridade” não pretende ser ofensiva ou pejorativa, mas sim atacar uma problemática bastante real nos nossos idosos.

exemplo explicativo usarei um exemplo presente numa primeira fase deste trabalho, mas que devido a mudanças de metodologia não foi mais útil. Uma das questões presentes no Eurobarómetro e das quais eu iria repetir no meu inquérito era “Quantas vezes nos últimos meses visitaste um local ou monumento histórico ou declarado como Património” e algumas das respostas vinham negativas, apesar de afirmarem que haviam estado na Ribeira do Porto a título de exemplo, local esse com a consideração de Património Cultural da Humanidade, contudo alguns dos inquiridos não sabiam dessa informação, o que levou a uma resposta “falsa”, embora esse não fosse o objetivo dos inquiridos.

O segundo ponto que eu pretendo abordar está relacionado com o «pimba».

“O género engloba de forma lata um tipo de mescla entre o popular, o folclórico e o *pop*, marcado pelos ritmos fáceis de captar, as melodias simples e as letras ora brejeiras, ora sentimentais. Se, por um lado, o termo significa um género cançoneteiro, mercantilizado e estilisticamente pobre, por outro, indica um estilo e uma certa forma de expressão cultural que, quando não usada depreciativamente ou com ironia, é reivindicada com à-vontade nos meios populares”. (Lopes, Louça & Ferro 2017 p. 155)

A transcrição anterior demonstra o porquê de haver um certo preconceito sobre este estilo de música “estilisticamente pobre”. No entanto, este estilo musical continua a ressonar com a população e as mais diversas classes sociais, sempre com maior enfoque na classe popular, com particular atenção às “festas da terrinha”; Santos Populares, festas académicas como a Queima das Fitas do Porto, entre muitos outros, quer por ironia, quer por pura diversão (Lopes, Louça & Ferro, 2017).

O Pimba é também por vezes descrito como música popular (popular aqui está claramente associado a um termo pejorativo), normalmente associado com diversas críticas, devido às suas frases curtas, português simplista e/ou banais, assim como uma “ausência de textura, de sentido da profundidade” (Hoggart, 1975, p.89).

Manuela Azevedo defende, num espetáculo com Bruno Nogueira denominado de “Deixem o Pimba em Paz” que, apesar das críticas e do desdém com o qual muita gente de diferentes classes sociais encara este estilo musical, a verdade é que a população portuguesa tem na sua memória pessoal e coletiva essas canções que rapidamente manifestam emoções de

felicidade e euforia, culminando em grande parte das vezes em cantorias e danças com o resto da população nessas festas populares.²⁶

Não é possível ignorar o papel cultural que este tipo de música tem no nosso país. Também não posso deixar de mencionar que uma grande maioria dos cantores e autores deste tipo de música são oriundos da classe popular, muitas das vezes marcados por uma história de superação.

Os entrevistados mais velhos mencionaram, ainda, para além do papel de associações desportivas, a existência de bandas filarmónicas, embora apenas numa idade já avançada, não tendo lembranças da existência de qualquer associação desse carater durante a sua infância, mas também fazem menção ao rancho folclórico, tendo Joaquim um envolvimento direto com o mesmo, uma vez que seu filho mais novo terá participado de um grupo de rancho folclórico na sua cidade.

Joaquim refere ainda que não exerceu qualquer tipo de pressão para com o filho para o mesmo participar nestes grupos, o mesmo decidiu por si mesmo querer participar através da propaganda que o grupo de rancho folclórico de Ermesinde fez entre os jovens e, como tal, angariou um maior número de jovens a ingressar no grupo durante esses anos. Este último ponto é de grande importância, no entanto voltarei no decorrer da dissertação. No entanto, Joaquim refere também que no seu tempo, durante as romarias, o rancho seria das principais atrações.

No livro de João Teixeira Lopes, Francisco Louça e Lígia Ferro (2017), os autores defendem que uma das principais experiências culturais das classes populares passa pelas bandas filarmónicas, contudo eu penso que o mesmo pode ser dito a estes grupos de danças folclóricas, uma vez que as características familiares e culturais são semelhantes entre ambas.

De seguida, pretendo abordar as diferentes referências a outra dimensão cultural que valeu diversas menções durante as entrevistas, ou seja, a música. Assim como acontece com outros temas abordados nesta dissertação, a principal diferença encontra-se com os primeiros anos da vida dos entrevistados mais velhos e da entrevistada mais nova.

Ana refere a música não teve um papel importante na sua fase formadora da vida, uma vez que não tinha como ouvir a mesma. Refere a existência de um rádio em sua casa, mas o mesmo era mais utilizado para ouvir as novelas (ponto a focar mais à frente na dissertação) do

²⁶ In: <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/deixem-o-pimba-em-paz-bruno-nogueira-e-manuela-azevedo-regressam-ao-porto-em-novembro>

que propriamente ouvir música. Como tal, as primeiras grandes referências musicais de Ana aparecem nos pós 25 de abril, no entanto considera que como não foi um interesse cultivado desde criança não o sente agora. Ouvirá música se estiver a tocar, contudo não procura ativamente ouvir música.

O mesmo não se pode dizer da experiência de Joaquim, uma vez que o mesmo recorda-se de ouvir música desde jovem, embora admita que apenas com “14-15 anos” é que realmente começou a ouvir música, de onde se recorda de ouvir música portuguesa, uma vez que “música estrangeira não havia, só começou a aparecer depois dos meus 16-17 anos” (nos pós 25 de abril). Recorda que o seu tipo de música favorito era Rock, destacando bandas portuguesas como HF; GNR e Táxi, lembrando que anos mais tarde teve a oportunidade de ir ao Coliseu do Porto assistir a concertos destas bandas ao vivo, algo que durante a sua infância lhe havia sido impossível.

Como não nos surpreende a experiência de Carolina foi bastante diferente dos anteriores entrevistados. A Carolina podia perfeitamente enquadrar-se num dos pontos discutidos anteriores, isto é, os omnívoros culturais, termo cunhado por Peterson, que rejeita a alteração do termo para uma vertente mais cosmopolita defendendo que:

“Even if cosmopolitanism refers to a taste that transcends national boundaries, the word omnivory seems more appropriate because it implies taste that cross not only the boundaries of nations, but also of social class, gender, ethnicities, religions, ages, or other similar boundaries”
(Peterson, 2004, 159)

É importante ainda mencionar que Villarroya e Llopis-Goig (2021) defendem que existem diversos perfis socioculturais e da impossibilidade de uma única lógica de diferenciação de gostos (p.1). Para Peterson, o termo omnívoro deveria ser utilizado para as classes altas da sociedade americana que não se conformavam com as artes/culturas puramente snobs, apreciando também estilos musicais normalmente associados a menor prestígio (country, por exemplo).

No entanto, as entrevistas que conduzi parecem apontar para que essa qualidade de omnívoro cultural não se adequa apenas às classes altas da sociedade, sendo que, a meu ver, Carolina enquadra-se perfeitamente nessa definição. Usaremos, assim como os autores anteriormente sobreditos, a música como exemplo.

Um ponto fulcral a mencionar antes de partir para a análise dos interesses de Carolina, tem de ser a maior facilidade de consumo nos dias que decorrem. Vivemos num mundo em que

os fluxos migratórios são cada vez mais numerosos, tornando diversos países cada vez mais multiculturais, através de uma existência clara de uma maior diversidade cultural, religiosa e de costumes num único território (Cicchelli, Octubre, & Riegel, 2016). Outro ponto que torna a experiência de Carolina diferenciada da dos restantes entrevistados é a existência da internet que transformou completamente o mundo numa verdadeira *Aldeia Global* o que permite um mais fácil acesso aos mais diversos meios culturais, que até então seria mais dificultado.

Continuando com a experiência de Carolina a mesma assume gostar de ouvir dos mais diversos géneros musicais como: “pop; indie; alternativo”, entre tantos outros. Contudo, assume ainda que é uma durante a sua vida foi fã confessa das sobreditas festas populares e das atuações de músicas do estilo “pimba”, que, assim como já foi mencionado, está tendencialmente associado a uma arte menor, de baixa qualidade e popular (termo claramente pejorativo, neste caso). No entanto, confessa também uma admiração pelo teatro musical, assim como um interesse/fascínio pela ópera, sendo esta uma expressão cultural e musical geralmente relacionada com as mais altas classes sociais, apesar de confessar que não assista a espetáculos desta arte com frequência, uma vez que geralmente estão demarcados por “um preço muito acima dos outros concertos”.

Apesar disto, outros hábitos culturais de Carolina também servem a exemplo da já discutida estética cosmopolita, uma vez que como já foi dito neste mundo global o acesso a manifestações culturais não nacionais é bastante mais facilitado, fazendo com que o cinema que a Carolina consoma seja maioritariamente estrangeiro, assim como programas de televisão (assunto a explorar mais à frente), maioritariamente através de serviços de streaming, assim como a própria moda que utiliza, sendo maioritariamente de produtoras internacionais.

Abordado este tema, convém explorar também a questão da televisão, mas não só. Ao longo das entrevistas, assim como em excertos já expostos nesta dissertação o assunto novelas já foi mencionado. Segundo o livro de João Teixeira Lopes “As novelas são parte integrante do entretenimento, incluindo o dos rapazes, como confessa Tiago, que nela reconhece um «espelho» da vida real e uma espécie de manual de instruções para a experiência” (p.168). Apesar da transcrição anterior estar objetivamente correta, no caso das minhas entrevistas, apenas as entrevistadas do sexo feminino mencionaram este meio de entretenimento.

A primeira menção aparece aquando da primeira sessão de entrevista de Ana, que enquanto abordava o tema da música e da existência de um rádio em sua casa, menciona que o mesmo era utilizado maioritariamente para as novelas, que embora atualmente estejamos

habituaados a telenovelas na televisão, as mesmas popularizaram-se, também, na rádio num período anterior à popularização e massificação das televisões, um pouco por todo mundo. Foi uma prática que começou enquanto jovem na rádio, mas que se mantém até aos dias atuais, uma vez que a Ana refere que um dos seus passatempos favoritos continua a ser acompanhar as novelas “depois do jantar”. Carolina menciona também a representação, contudo dá maior destaque a séries, destacando a série juvenil “Morangos com Açúcar” como a de maior importância.

O tema televisão foi abordado diretamente nos mesmos moldes do inquérito realizado pelo Eurobarómetro no qual foram obtidas respostas dos países que compõem a União Europeia. Nesse inquérito é-lhes perguntado se o indivíduo viu ou ouvir algum programa de carácter cultural na televisão e/ou rádio nos últimos 12 meses, ao qual uma maioria portuguesa (61% dos inquiridos) responde de forma afirmativa (2013, Volume A, QB.1.8), destacando-se como uma das manifestações culturais que mais participação angaria. Contudo, apesar desses resultados positivos, os mesmos continuam a revelar uma tendência que se iria manter nas restantes questões, isto é, os resultados portugueses continuam a ser menores do que a média europeia.

Como tal, nas minhas entrevistas o resultado não foi diferente, sendo que os três entrevistados respondem afirmativamente às questões, mencionando que “sim, às vezes vejo aqueles programas de quiz que passam na RTP” ou então “programas de comentário político ou da atualidade” e questionando-se ainda se “programas como aqueles de domingo (Somos Portugal, a título de exemplo) também servem para esta pergunta”.

A diferença geracional que geralmente tem ocorrido nestas entrevistas não é tão visível nesta questão uma vez que Joaquim e Carolina, entrevistados de idades bastante distintas, privilegiam produções internacionais com Carolina a destacar os filmes e séries em serviços de streaming, enquanto Joaquim menciona séries e filmes internacionais em canais como “Hollywood”; “Fox” e “AXN”. Já Ana, embora assuma que veja filmes internacionais “quando eles passam em canal aberto”, privilegia as produções nacionais, nomeadamente as telenovelas já mencionadas.

Para além da resposta afirmativa é interessante destacar que nas suas respostas quanto a esta pergunta em específico existe um total de 0 menções a telenovelas, programas relacionados ao cinema, música, entre tantos outros meios culturais. Poderá ser apenas uma opção dos entrevistados, um mero esquecimento, ou poderá denotar aquele desconhecimento sobre certos

temas como já foi abordado nos parágrafos anteriores, nos quais os entrevistados de menor escolaridade não têm noção de que estão a participar ativamente em práticas culturais, nacionais e internacionais, aquando da realização das mesmas.

Apesar da questão ser diretamente direcionada para a televisão (foi uma escolha pessoal não incluir o rádio, uma vez que todos os entrevistados revelaram que não são donos de qualquer rádio), a verdade é que esse setor cultural/entretenimento e, ainda, informativo tem vindo a sofrer grandes alterações sobretudo com a popularização dos serviços de streaming como Netflix, Prime Video, HBO Max, entre tantos outros, no modo de consumo de conteúdo que até então eram de consumo principal ou exclusivo da televisão. Os serviços de streaming estão de tal forma popularizados que até os canais televisivos (públicos e privados) generalistas já entraram nesse meio, com destaque para a RTP Play (RTP) e Opto (SIC).

A problemática do desconhecimento destacou-se mais aquando da abordagem do tema de Património Cultural e/ou museus. É importante mencionar que os museus e galerias de arte foram duas das práticas culturais que menores participações tiveram aquando dos inquéritos do Eurobarómetro já mencionados, com 83% dos inquiridos portugueses a revelarem que não haviam visitado qualquer museu ou galeria de arte nos 12 meses anteriores ao inquérito.

Contudo, durante as minhas entrevistas o interesse por esta temática foi constante. Embora, com participações diferentes, todos os entrevistados revelaram o gosto pelo “conhecer melhor Portugal”, pelas visitas a monumentos históricos, museus, galerias, entre outras manifestações.

Antes de partir para a análise deste tema em específico quero abordar uma problemática que me pareceu constante durante as diversas discussões que envolvessem esta temática, isto é, o desconhecimento, não nos moldes abordados previamente, mas sim o desconhecimento de medidas e legislação que incorre sobre esta área. Como é sensato não estava à espera de que os entrevistados conhecessem todos os contornos legais desta área, contudo, explorei algumas medidas, nomeadamente, a gratuitidade dos museus ao domingo²⁷.

Foi para meu espanto uma medida pouco conhecida nas minhas conversas. Apenas Carolina, mais jovem, havia conhecido e aproveitado a medida, destacando que, embora haja

²⁷ O presente ponto foi escrito antes de entrar em vigor a nova medida de gratuitidade que pressupõe 52 dias de gratuitidade por ano e não apenas os domingos (Fonte: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/noticia?i=novo-regime-de-gratuidade-no-museu-e-monumentos>)

um maior fluxo de público, prefere visitar os museus aos domingos, uma vez que pode usufruir dessa gratuidade.

Já os entrevistados de maior idade não conheciam a lei, sendo que Joaquim confessa ainda que “compro os jornais diários há vários anos e são raras as vezes em que me aparecesse algo desse género nas notícias”, revelando um claro descontentamento para com a falta de propaganda não *online* dos meios culturais portugueses. Refere que seria um ponto que deveria ter mais enfoque por parte dos organismos locais e nacionais. Por sua vez, Ana também não conhecia essa medida, mas encarou com maior felicidade o tema, uma vez que revelou que a questão monetária por vezes era impeditiva a essas visitas, contudo isso é um termo a abordar mais à frente.

Ana revelou ainda que sempre teve um fascínio por essas visitas, sentindo-se atraída pelo conhecimento do que é antigo, no entanto refere também que nunca foi incentivada a participar nesses meios culturais, quer pela escola, quer pelos seus conhecidos, revelando ainda a ideia de que por vezes esses locais e instituições são encaradas como “para os doutores e não para gente como eu, sem estudos”.

Por sua vez, Joaquim refere que também não foi incentivado a ir visitar este tipo de monumentos/instituições, contudo, enquanto trabalhou fora da sua cidade “um pouco por todo Portugal” foi conhecendo bastantes locais e as suas particularidades. Refere ainda que agora com idade e mais tempo livre gosta de realizar essas visitas referindo que recentemente visitou Montemor-o-Velho, no qual visitou vários marcos da cidade, desde museus ao mítico castelo. Refere, ainda, que realizou a visita com familiares e, desde então, já convidou outros familiares e amigos a realizarem a visita.

Já Carolina, conhecedora da gratuidade dos museus refere que a mesma tem um grande impacto nos seus hábitos culturais, sendo que a mesma faz bastante procura *online* antes de realizar a visita, na qual pesquisa horários, um pouco da história do local e, como não podia deixar de ser, o preço. Sendo assim, efetua “a maior parte” das suas visitas aos domingos, uma vez que se for gratuito não existe razão para a mesma realizar a visita durante a semana. Sendo natural do distrito do Porto, mas a realizar o mestrado em Lisboa, algumas das últimas visitas que realizou foram a museus deste último do qual destaca o museu do traje, visita que realizou com amigos, contudo revela também visitas passadas a monumentos como mosteiros, que atraem o seu interesse histórico. No entanto, revela ainda que devido aos estudos e o “passar dos anos” o seu interesse nessas visitas pode ter diminuído um pouco e, como tal, a principal

razão para a não visita atualmente seria a falta de interesse da mesma, uma vez que segundo ela, quando tem interesse realiza a visita.

Um último ponto a focar, uma vez que foi bastante abordado nas entrevistas, por vezes de forma esporádica, sendo que foram os próprios entrevistados que introduziam o tema, sobretudo na sua relação com a escola, tem de ser a literatura.

Assim como acontece em exemplos anteriores existe uma diferença geracional, embora esta não seja tão acentuada como em outras manifestações culturais, uma vez que todos os entrevistados referem que a literatura teve um impacto na sua vida, as principais diferenças são o ritmo de leitura, assim como, a continuação da prática.

Todos os entrevistados referem o papel importantíssimo da escola no incentivo à prática de leitura. Joaquim e Ana referem que um dos principais pontos que focavam na escola era na leitura, sobretudo de livros escolares relacionados à história de Portugal, mas não só, dando destaque a obras maiores da literatura portuguesa, no qual ambos referem os *Lusíadas* de Luís Vaz de Camões como principal exemplo.

Tanto Joaquim como Ana, mas sobretudo esta última, referiram que trariam um certo prazer da leitura, sendo que Ana revela que por vezes tentava ler em casa, mas por razões monetárias seria bastante difícil a aquisição de novos livros, contentando-se com a possibilidade de existir algum exemplar em heranças dos pais. Contudo, ambos referem que, especialmente devido à precoce introdução nos meios de trabalho, ambos com cerca de 9 anos de idade, foram perdendo esse hábito. Destacam agora a falta de tempo, alçada à sempre presente questão monetária para o empobrecimento desse hábito a um ponto quase inexistente. Apesar disso, Joaquim refere que obtém o seu prazer pela leitura através das notícias, tendo como seu hábito a leitura de jornais diários, no qual não falha uma edição, destacando que faz parte da sua rotina a compra do diário *Jornal de Notícias*.

Já Carolina, que também refere também o papel importante das diversas escolas pelas quais passou no desenvolvimento desse seu gosto, revela que é uma ávida leitora, incentivada não só pelos diferentes programas escolares, dos quais se destaca o PNL (Plano Nacional de Leitura), mas também medidas de avaliação nas disciplinas de Português, que consistiam em apresentações de leitura de livros que o jovem haveria lido.

Carolina confirma que embora seja uma leitora ávida, por vezes ao longo da sua vida, assim como acontece atualmente, tem de deixar esse hobby e prazer para segundo plano em

detrimento dos estudos que merecem um enfoque maior por parte da mesma. Revela ainda que “coleções de revistas” também influenciaram esta prática, revelando que se recorda perfeitamente de uma coleção de histórias da Disney que lhe ofereceram em criança, assim como livros infantojuvenis de leitura recomendada pela escola, do qual destaca O Príncipezinho de Antoine de Saint-Exupéry.

Com o passar dos anos os géneros literários de seu maior interesse foram evoluindo dos quais destaca a ficção fantástica, romances, mas também não ficção. Assim como foi mencionado anteriormente, creio que a Carolina se enquadra no exemplo de omnívoro cultural, mas também na definição da estética cosmopolita, e os seus hábitos literários poderão ajudar nessa conclusão, uma vez que a mesma revela que a literatura que compra são sobretudo de duas línguas, o português, mas também o inglês, pelas mais diversas razões. Dentro dessas razões destacam-se duas, uma primeira passa pelo gosto e o “à vontade” com a língua inglesa, assim como um meio de treino e prática do mesmo, mas aquela que destaca como principal razão da compra de livros de língua inglesa é o preço dos mesmos, revelando que consegue adquirir esses livros em grandes editoras mundiais por preços bastante mais baixos do que aqueles praticados no mercado português, deixando alguns retoques ao trabalho de tradução portuguesa, mas considera que os preços praticados para as traduções de certos livros estrangeiros são impraticáveis, considerando um “não-debate” no que à aquisição de livros em língua inglesa diz respeito.

Contudo, e apesar das respostas afirmativas quanto ao gosto pela leitura, o mesmo não se traduz num acesso ou continuo interesse em bibliotecas, uma vez que apenas a mais nova entrevistada, isto é, Carolina assume que visita bibliotecas com alguma frequência, ainda que seja por motivos académicos. Destaca a biblioteca da sua universidade como a principal instituição que visita, uma vez que se torna mais prático o acesso aos livros, assim como a sua utilização como espaço para estudo. No entanto, a mesma relembra o seu gosto por bibliotecas, destacando que já visitou diversas bibliotecas públicas, normalmente municipais, sobretudo quando se encontra na sua cidade natal, isto é, o Porto.

Durante as entrevistas os entrevistados teceram elogios, mas também duras críticas aos mais diversos meios culturais, revelando ainda as razões pelas quais realizavam certas práticas culturais, assim como, as razões pelas quais não faziam as mesmas, sendo que este é o ponto fulcral do próximo subcapítulo.

4.3- Análise e Comparação dos resultados

O presente subcapítulo pretende abordar as respostas e dados adquiridos nas entrevistas realizadas e comparar os mesmos, não só entre si, mas também com a bibliografia já existente. Para tal, irei recorrer por diversas vezes a gráficos e tabelas, nem todos originais, que serão prontamente explicados. Os gráficos e tabelas que não sejam originais serão utilizados como exemplo, prontamente explicados e depois utilizados como meio de comparação com os resultados obtidos durante as conversas com os três entrevistados, numa tentativa de entender se os mesmos confluem ou se existe dados que estão ausentes, quer nas minhas entrevistas, quer na literatura previamente apresentada. Todos os gráficos estarão prontamente identificados no decorrer do texto, contudo poderá haver casos em que se torne impraticável a colocação de um gráfico no corpo do texto e, como tal, o mesmo estará colocado nos anexos da presente dissertação, mas sempre que tal acontecer, estará devidamente distinguido.

Assim como aconteceu nos pontos anteriores entendi que seria mais frutivo para o presente trabalho dividir as diferentes práticas culturais mencionadas nas entrevistas, ao invés de tentar uma agregação que pudesse confundir o leitor e adulterar os dados recebidos.

Apesar de ter sido o último ponto a ser tratado no anterior subcapítulo, será o primeiro ponto a ser explorado neste subcapítulo, isto é, a leitura e a frequência em bibliotecas. Para tal, irei abordar não só os dados do Eurobarómetro, embora mais antigos, mas também gráficos da obra *Práticas Culturais dos Portugueses* com coordenação de José Machado Pais, Pedro Magalhães e Miguel Lobo Antunes (2022). Embora esta obra não faça uma diferenciação social nos seus resultados, a mesma oferece-nos a descrição socioeconómica dos inquiridos e daqueles que responderam afirmativamente às questões. Através da mesma poderemos analisar se se trata da classe social em estudo e, independente da resposta, analisaremos os argumentos dados pelos inquiridos e, mais tarde, comparar os mesmos aos explanados nas minhas entrevistas, para que seja possível analisar se as práticas culturais da classe popular, assim como as suas justificativas para a sua participação, ou não, em certas manifestações culturais, estão a par da literatura geral ou não.

Frequência com que, nos 12 meses anteriores ao início da pandemia, se deslocou a bibliotecas ou arquivos (%)

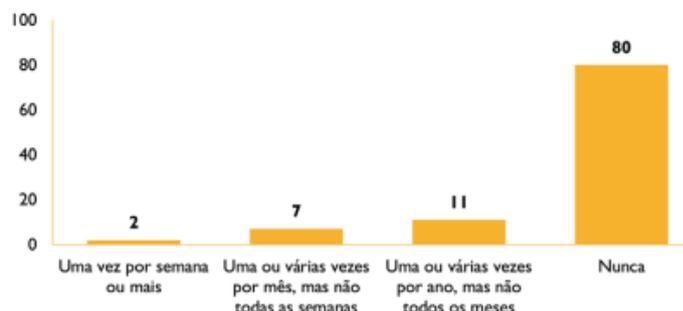


Gráfico nº2 - Frequência com que, nos 12 meses anteriores ao início da pandemia, se deslocou a bibliotecas ou arquivos (%). Fonte: Cameira, E. (2022), p. 27

Como é possível analisar no estudo coordenado por Pais, Magalhães e Antunes, uma vasta maioria dos inquiridos portugueses (80%) não realizou qualquer visita a uma biblioteca, o que está claramente a par das respostas dos meus entrevistados, uma vez que apenas um dos três entrevistados (66%) é que fez qualquer tipo de visita a uma biblioteca, destacando que durante a época letiva frequenta as mesmas semanalmente, contudo, durante o período de férias a mesma assume que a sua frequência diminui bastante. Tendo como principal motivo da visita o estudo e a procura de livros relativos ao mesmo, dando maior destaque a trabalhos no âmbito universitário.

| Entrevistado | Falta de tempo | Falta de Interesse | Questão monetária | Deslocação | Não tem com quem ir | Falta de Informação |
|--------------|----------------|--------------------|-------------------|------------|---------------------|---------------------|
| Ana | | X | | X | | X |
| Joaquim | | X | | | | |
| Carolina | X | | | | | |

Tabela nº 1: Razões pelas quais os entrevistados não visitam (ou visitam mais) bibliotecas

Fonte: Autoria Própria

O maior destaque terá de ser dado às razões pelas quais os entrevistados não visitam bibliotecas, ou no caso de Carolina, o que a impede de fazer mais visitas. A expressão de maior destaque é apenas utilizada devido ao facto de haver maior informação relativo a essa informação e não por existir em mim uma visão pessimista do tema, uma vez que este trabalho

parte de um pressuposto de simples investigador observador, pelo qual não pretendo tecer observações positivas ou pessimistas até ao período da conclusão da mesma.

Como é visível, a falta de interesse é a única resposta repetida, uma vez que Joaquim e Ana afirmam ter uma falta de interesse em realizar tal visita, ainda que para Joaquim isso seja razão suficiente, no entanto, para Ana, que assume que não tem um interesse real nessas visitas, a mesma assume também que não recebe muita informação sobre as bibliotecas locais, assim como a necessidade de deslocações relativamente longas que envolvem transportes públicos o que para a entrevistada também é um grande impedimento. Já Carolina refere que apesar de realizar essas visitas com bastante frequência, por vezes existe uma falta de tempo para manter esse hábito, quer devido ao trabalho académico, quer devido à sua situação profissional.

Mas não se pode analisar os hábitos de leitura apenas tendo em conta as visitas a instituições como bibliotecas, mas também temos de ter em conta, como aconteceu anteriormente nesta dissertação, pelos hábitos de leitura propriamente ditos, isto é, se leem ou não livros.

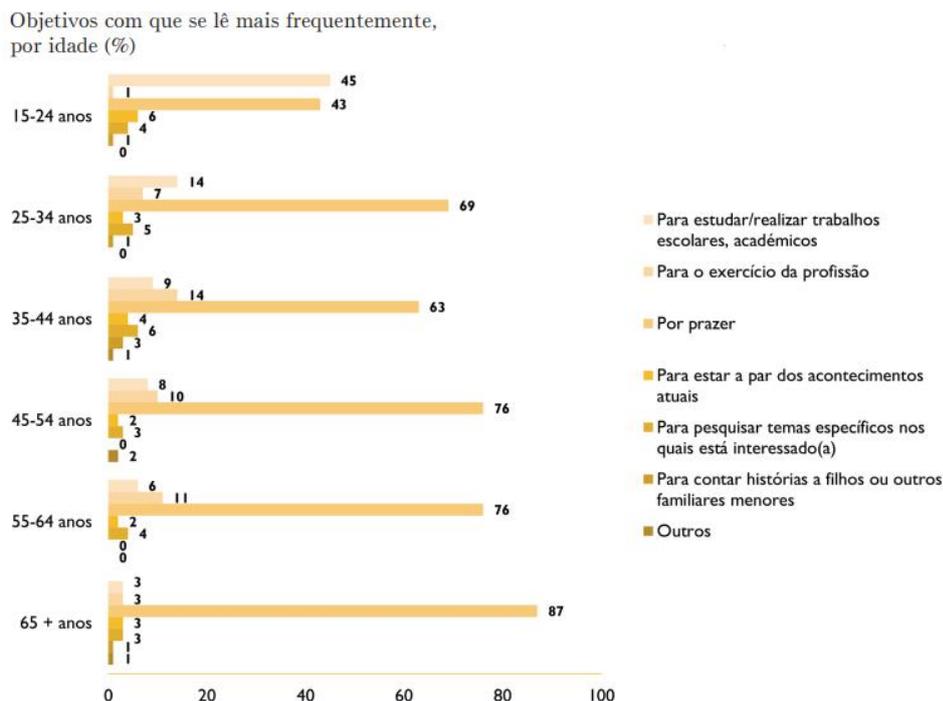


Gráfico nº3: Objetivos com que se lê mais frequentemente, por idade (%). Fonte: Cameira, E. (2022), p.26.

Neste gráfico talvez encontremos a principal diferente no que à leitura diz respeito entre os dados obtidos em investigações prévias e as entrevistas que conduzi. Começando pela Carolina, uma vez que a mesma vai, na verdade, ao encontro do que o gráfico defende, uma vez

que as principais razões para a sua leitura são para a realização de trabalhos académicos, que denomina as escolhas dos inquiridos de 14-24 anos, seguido do prazer na leitura, assim como acontece com as respostas pessoais de Carolina.

No entanto, no caso de Ana e Joaquim a resposta é bastante diferente para com os inquiridos do trabalho sobredito, uma vez que ambos referem que a principal razão da sua leitura é a nível de notícias, uma vez que pretendem ficar a par dos acontecimentos da atualidade, apesar de ser uma resposta que obteve apenas 3% das respostas dos inquiridos com mais de 65 anos.

| Entrevistados | Falta de tempo | Falta de Interesse | Questão Monetária | Não tem hábitos de leitura | Não sabe onde obter livros |
|---------------|----------------|--------------------|-------------------|----------------------------|----------------------------|
| Ana | X | | | | X |
| Joaquim | | X | | X | |
| Carolina | | | X | | |

Tabela nº2: Razões dadas pelos entrevistados para a não leitura.

Fonte: Autoria própria

As razões dadas para a não leitura não diferem muito das utilizadas para a não ida a bibliotecas, contudo existe a introdução de novas razões, nomeadamente a questão monetária, uma vez que Carolina como ávida leitora aponta aos preços dos livros, nomeadamente das versões portuguesas, quer sejam traduções ou de autores nacionais. Estas críticas realizadas por Carolina não são singulares, sendo que é uma crítica transversal feita pelos leitores, nomeadamente mais jovens, que optam pela leitura de obras numa língua estrangeira, geralmente o inglês, devido a uma questão monetária, contudo há quem considere que possa existir grande influência das redes sociais nestas escolhas²⁸(Público 13/05/2024)

Joaquim volta a mencionar a falta de interesse como principal razão para a não leitura, no entanto não se fica por esta única razão, defendendo que foi a quebra dos seus hábitos de leitura aquando do fim da sua atividade escolar que o impediram de se tornar um leitor mais ávido, considerando que atualmente é-lhe mais difícil retornar a esse hábito, mencionando também sua dificuldade visual como uma possível razão. Já Ana referenciou a falta de tempo,

²⁸ In: <https://www.publico.pt/2024/05/13/p3/noticia/ha-jovens-so-leem-livros-ingles-preocupa-editoras-2089644>

razão que assume que possa mudar com a sua recém reforma, apesar de defender que também não sabe da existência de muitos sítios onde obter esses livros, uma vez que não utiliza plataformas online e considera que cadeias de supermercado como o Continente que têm uma secção de livros têm pouca diversidade de escolha.

Em suma, apesar de pertencerem à mesma classe social e terem respostas semelhantes entre si, sobretudo a nível geracional, as razões dadas quer para a leitura quer para o porquê de não o fazerem são bastante diversas, não havendo sobreposição nas respostas, denotando uma verdadeira heterogeneidade numa classe social que por vezes é ignorada ou tida como não interessada em certas práticas culturais, estando muitas vezes numa situação de exclusão cultural “A verdadeira igualdade de oportunidades exige um acesso direto, imediato, permanente e o mais autónomo possível” (Vlachou, 2020, p.9)

Outra manifestação cultural que foi abordada durante as entrevistas foi a televisão e/ou rádio. Foi feito este agrupamento por duas razões, a primeira foi devido à literatura e investigações existentes fazerem, na sua maioria, o mesmo agrupamento, e uma segunda razão foi pelo meu entendimento de que ambos os meios servem, ou historicamente serviram, para um propósito semelhante e, como tal, faz todo o sentido estarem agrupados, assim como acontece nos monumentos históricos, galerias de arte e museus que falarei mais à frente.

No entanto, apesar de abordar o tema de maneira semelhante as respostas oferecidas nas entrevistas foram feitas de modo separado, sendo que dos três entrevistados, dois mencionaram rádio, contudo no passado, sendo que apenas Joaquim ainda detém um rádio em casa, que apenas usa em trabalhos. Ana e Carolina referem que não usam o rádio, sendo que só ouvirão o mesmo se se encontrarem num carro de outrem, uma vez que nenhum dos três entrevistados tem carta de condução. Sendo assim, não vale a pena explorar a fundo esta temática, uma vez que as respostas são claramente negativas e não iriam ser alteradas.

Os três entrevistados parecem estar de acordo quanto ao porquê da não utilização do rádio nos dias atuais, descrevendo que o mesmo não é propriamente único em nada, sendo que grande parte do que pode transmitir é também possível obter através da televisão, ou em sítios de internet como as redes sociais e, como tal, não sentem um incentivo para utilizar o mesmo. Contudo, o seu destaque em viagens de carro continua a ser notório, sendo, apesar da internet, ainda o meio de entretenimento predileto dos entrevistados.

Sendo assim, o principal enfoque deste novo ponto será a televisão, dando uma grande importância à comparação com os inquéritos já existentes, quer no consumo da mesma, quer nos programas vistos, assim como a utilidade da mesma para o dia a dia dos entrevistados.

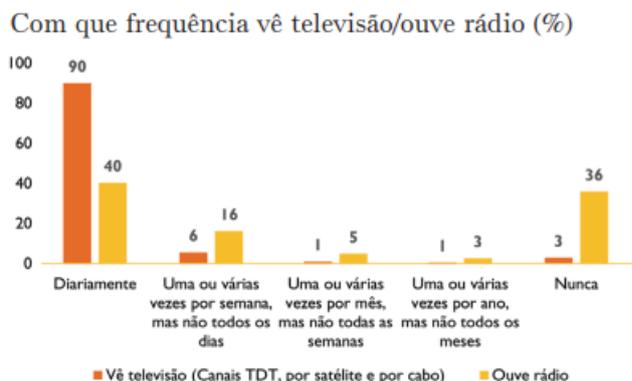


Gráfico nº4: Com que frequência vê televisão/ouve rádio. Fonte: Lapa, T. (2022), p.20

Como é possível analisar neste gráfico de autoria de outrem, a televisão faz parte do quotidiano dos inquiridos portugueses com 90% dos mesmos a revelarem que veem televisão diariamente, comparativamente a apenas 40% das mesmas respostas quanto à rádio. Ou seja, mais uma vez os entrevistados oferecem uma perspetiva semelhante à que existe em literatura anterior, sendo que Ana e Joaquim referem que também assistem a televisão diariamente, contudo o caso de Carolina torna-se interessante, uma vez que a mesma assume que a televisão teria um papel importante na sua vida, contudo após a sua vida académica ter início a mesma deixou de ter um lugar assíduo no seu dia a dia, quer por falta de tempo, quer, mais tarde, devido a ser uma estudante deslocada sem acesso a uma televisão no seu quarto, o que mudou a sua resposta num passado recente.

| Entrevistado | Notícias / Informação | Filmes/ Séries | Telenovelas | Documentários | Desporto | Cultura Geral | Entretenimento | Entrevistas |
|--------------|-----------------------|----------------|-------------|---------------|----------|---------------|----------------|-------------|
| Ana | X | X | X | | | X | X | |
| Joaquim | X | X | | X | X | X | X | X |
| Carolina | X | | | X | | X | X | |

Tabela nº3: Programas vistos na televisão por parte dos entrevistados.

Fonte: Autoria Própria

Como é possível denotar a televisão não só ocupa um lugar assíduo no quotidiano dos entrevistados como é bastante multifacetado nas opções que oferece. Existe ainda opções que foram discutidas como os programas de carácter religioso, mas como nenhum dos entrevistados mencionou assistir a esse tipo de programação, a mesma não aparece representada nessa tabela.

É notório um domínio das notícias/informação, assim como a programação de cultura geral, nos quais agrupei desde concursos de cultural geral (Quem quer ser milionário; Joker; entre tantos outros), como também programas sobre literatura, artes cénicas, teatro, etc. Os três entrevistados mencionam o uso diário da televisão para o consumo de notícias, de modo a manter-se a par com o mundo que os rodeia, assim como um prazer em programas de cultura geral que consideram enriquecedores para o seu dia a dia. É interessante ainda denotar que a opção de filmes/séries foi utilizada pela geração mais velha, mas não por Carolina que privilegia esse consumo através do on-line quer através de serviços de streaming, ou por vezes, através da tão popular pirataria. A opção de documentários, assim como programas de entretenimento no qual incluo programas humorísticos, e reality shows também atraem os entrevistados, sendo que Joaquim confessa que por vezes dá um grande destaque a programas humorísticos, e Ana e Carolina confessam dar atenção especial a programas de reality show.

As telenovelas, desporto e programas de entrevistas também marcaram presença nas entrevistas, embora apenas um dos entrevistados tenha referido os mesmos no seu quotidiano atual, contudo tanto Carolina como Joaquim confessam que as telenovelas já haviam tido um lugar cativo no seu quotidiano, mas com o passar dos anos foram perdendo o interesse nas mesmas, daí a sua resposta atual.

Programas televisivos habitualmente vistos (%)

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Notícias, reportagens e informação | 81 |
| Filmes | 57 |
| Séries | 43 |
| Telenovelas (portuguesas ou estrangeiras) | 40 |
| Documentários | 36 |
| Programas desportivos (jogos, notícias, debates, etc.) | 33 |
| Concursos de cultura geral (ex: Quem Quer Ser Milionário, Mental Samurai) | 30 |
| Programas de entretenimento (reality shows, talk shows, humor, etc.) | 28 |
| Outros concursos (ex: Preço Certo, Got Talent Portugal, etc.) | 26 |
| Programas de entrevista (ex: Alta Definição, Grande Entrevista) | 22 |
| Debates (Prós e Contras, Circulatura do Quadrado, Eixo do Mal) | 20 |
| Outros programas culturais | 12 |
| Missa ou outros programas religiosos | 11 |
| Outros programas de música | 11 |
| Concertos de música popular | 9 |
| Desenhos animados ou outros programas infantis | 7 |
| Concertos de música clássica | 4 |
| Programas relacionados com livros e leitura | 4 |
| Outros programas de artes cénicas (circo, ópera, etc.) | 4 |
| Teatro | 3 |

Tabela nº4: Programas televisivos habitualmente vistos (%). Fonte: Lapa, T. (2022), p. 21

Como aconteceu em casos anteriores, os entrevistados vão ao encontro dos inquiridos em estudos anteriores, ainda que sejam compostos por características diferentes dos inquiridos (ponto que será desenvolvido mais à frente), denotando que o acesso à televisão, embora ainda não total, está bastante mais democratizado do que certas outras manifestações culturais, pelo qual o seu consumo será superior, embora a programação assistida, assim como canais prediletos terão sempre a sua particularidade de entrevistado/inquirido para entrevistado/inquirido.

Apesar desta forte presença da televisão no quotidiano dos portugueses, sendo que os entrevistados, sobretudo mais velhos, revelaram que é difícil imaginar um futuro sem acesso à televisão que já está tão marcada no dia a dia deles, desde o seu uso para um descanso depois do trabalho, quer para companhia durante o jantar, nomeadamente os programas de informação, ou o uso da mesma antes de se deitar. Já Carolina tem uma perspetiva diferente, acreditando que a televisão já teve o seu momento áureo e que, apesar de ainda entender e acreditar na manutenção da televisão no dia a dia dos portugueses, acredita que a geração mais nova continuará a privilegiar a internet/online. Refere que a mesma problemática que se denota com a rádio, poderá acontecer com a televisão, uma vez que nada que existe na televisão é propriamente único, sendo notória uma aposta dos próprios canais televisivos na expansão para o online, assim como as descidas visíveis a nível de audiência anual. Toda a programação que foi exposta na tabela anterior poderá ser encontrada no online quer em expansões da televisão quer em serviços alternativos, nomeadamente o streaming.

Durante a análise do ponto anterior uma constante foi visível, isto é, o papel da internet no quotidiano dos entrevistados, mas também o papel que a mesma pode ter na participação cultural dos portugueses. No entanto, é necessário mencionar que ainda existe uma franja da população, embora diminuta, sem acesso a serviços de internet e, mesmo não sendo o caso dos três entrevistados, o uso da mesma é bastante diferenciado entre eles, assim como o seu à-vontade com as tecnologias que condicionam bastante o uso de serviços online. Não é possível deixar de mencionar que a falta de acesso a esse serviço que para muito do quotidiano é completamente necessário está claramente assimilado à classe social, quer devido a questões monetárias, como de infraestruturas presentes ou ausentes. Isto é, nem todos aqueles que se considerem ou integrem na classe operária ou classe social baixa têm falta de acesso à internet, mas, geralmente, quando acontece casos de falta de acesso atingem a população mais carenciada e em locais remotos, atacando maioritariamente uma franja da população portuguesa mais envelhecida.

Sendo assim, é importante mencionar que, embora não tenham crescido com a internet, Ana e Joaquim fazem uso da mesma, com maiores ou menores dificuldades, no entanto, o uso da mesma é notório no seu dia a dia, com Joaquim a referenciar o papel da mesma no contacto com os seus filhos emigrados, utilizando as redes sociais para os ver todos os dias, através de serviços de videochamada. Ana, apesar de não ter filhos emigrados, utiliza a internet para se manter em contacto com conhecidos. Já Carolina nasce num mundo bastante diferente dos outros entrevistados, sendo que a utilização da internet já estava bastante mais popularizada, pela qual atualmente utiliza a mesma em vários aspetos da sua vida, quer a nível de estudo, profissional, assim como lazer, deixando várias menções às redes sociais, assim como os anteriores entrevistados.

Apesar do uso da internet, nos inquiridos portugueses em literatura anterior ser maioritariamente para questões de lazer (Martinho, T. & Lapa, T., p.16 *Versão online*), a mesma também estará bastante ligada ao setor cultural, sendo que os três entrevistados assumem já ter usado a internet para práticas culturais, ou, em certos casos, obterem informações sobre certas manifestações culturais, sobretudo através das redes sociais, mesmo que não seja o principal objetivo pelo qual utilizam a internet.

Frequência de utilização da Internet para realizar as seguintes atividades culturais (%)

| | Diariamente | Uma ou várias vezes por semana, mas não todos os dias | Uma ou várias vezes por mês, mas não todas as semanas | Uma ou várias vezes por ano, mas não todos os meses | Nunca |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-------|
| Procurar informação sobre museus, galerias de arte, sítios arqueológicos | 0 | 4 | 10 | 17 | 69 |
| Procurar informação sobre bibliotecas e arquivos | 1 | 3 | 7 | 10 | 79 |
| Procurar informação sobre livros, música, cinema e espetáculos | 4 | 11 | 19 | 16 | 50 |
| Ver espetáculos a partir da Internet (concertos, teatro, dança, etc.) | 1 | 5 | 9 | 12 | 74 |
| Aceder a bibliotecas ou arquivos virtuais | 1 | 4 | 6 | 8 | 80 |
| Comprar ou reservar entradas para cinema, concertos, teatro, museus | 0 | 2 | 9 | 18 | 71 |
| Ouvir música a partir da Internet (através de qualquer serviço de <i>streaming</i> como o <i>spotify</i>) | 18 | 17 | 15 | 7 | 43 |
| Comprar ou descarregar música | 4 | 8 | 14 | 11 | 63 |
| Ver, comprar ou descarregar filmes ou séries | 4 | 10 | 17 | 9 | 59 |
| Partilhar conteúdos culturais (vídeos, música, imagens, outros) criados pelo próprio | 3 | 6 | 11 | 9 | 70 |
| Interagir <i>online</i> em temas relacionados com cultura (colocando mensagens e <i>likes</i> em sítios de redes sociais e outros grupos virtuais) | 5 | 8 | 12 | 11 | 64 |
| Ler sites de notícias (não inclui jornais e revistas) | 29 | 25 | 12 | 4 | 29 |
| Ler na Wikipédia ou outras enciclopédias <i>online</i> | 3 | 13 | 16 | 10 | 57 |
| Ler e/ou escrever <i>blogues</i> | 3 | 8 | 10 | 8 | 71 |
| Ler e/ou escrever críticas (Tripadvisor, Amazon, etc.) | 1 | 4 | 10 | 10 | 76 |
| Procurar informações precisas (significado de palavras, factos históricos, etc.) | 8 | 19 | 26 | 12 | 36 |

Tabela nº5: Frequência de utilização da Internet para realizar as seguintes atividades culturais (%). Fonte: Lapa, T. & Martinho, T. (2022), p.18

Como é notório, são várias as possibilidades existentes com a qual se pode utilizar a internet para atividades/manifestações culturais. Embora, como seria de esperar devido ao menor número de entrevistados, uma vez que se tratava de entrevistas narrativas longas, ao invés de inquiridos como a literatura em uso, tenhamos um menor número de opções citadas, quando comparada ao gráfico anterior, contudo ainda existe uma grande semelhança entre as opções citadas pelos inquiridos e pelos meus entrevistados.

| Entrevistado | Ana | Joaquim | Carollna |
|---------------------------------------|-----|---------|----------|
| Informação sobre Museus/Património | | X | X |
| Informação sobre Livros/Música | | | X |
| Ver espetáculos online | | | X |
| Aceder a bibliotecas virtuais | | | X |
| Comprar bilhetes | | X | X |
| Ouvir música | X | X | X |
| Serviços de Streaming | | X | X |
| Informação (leitura de notícias) | X | X | X |
| Interagir/Comentar assuntos culturais | X | X | |

Tabela nº6: Utilização da internet para meios culturais por parte dos entrevistados

Fonte: Autoria própria

A tabela exposta anteriormente é comprovativo do que eu havia escrito anteriormente, sendo que há um maior destaque da vertente informativa, sendo que os três entrevistados assumem que utilizam a internet como meio de informação, sendo que Ana e Joaquim referem que através das redes sociais, nomeadamente o Facebook, seguem-se canais informativos como a CNN e Sic Notícias e obtêm bastantes notícias através desse meio, embora Joaquim refira que privilegie o meio de jornais físicos fase ao digital, contudo, por vezes o online é um meio mais rápido de obter informações, apesar de deixarem claro que estão cientes da quantidade de informação falsa que existe na internet, as agora famosas “Fake News”, preocupando-se com as fontes informativas.

No entanto, a informação não é a única utilização que une os entrevistados, havendo um destaque importante dado à música, embora o consumo da mesma seja bastante diferente. Ana refere que consome bastante música através das redes sociais em publicações partilhadas por artistas e/ou por seus conhecidos nas mesmas. Já Joaquim privilegia a plataforma de vídeos Youtube, no qual gosta de assistir a músicas e/ou concertos de bandas da sua adolescência que o marcam por um sentimento de nostalgia. Para tal, utiliza não só o seu telemóvel, mas também a sua televisão com acesso à internet para utilizar a mesma. Já Carolina também utiliza a internet para o consumo de música, contudo utiliza plataformas de distribuição de música como é o caso da Apple Music e Spotify, na qual ouve maioritariamente no seu dispositivo móvel, quer esteja em casa, em viagem, ou para estudo.

Apesar do grande uso da internet, é importante denotar que não é o único meio de consumo de música dos entrevistados. Ana revela que tem uma coleção de cd's que ainda ouve bastante. Já Joaquim privilegia a sua coleção de DVD's de concertos de alguns dos seus artistas favoritos, com especial enfoque em Michael Jackson, Pink Floyd e Xutos e Pontapés. Já Carolina também coleciona música, nomeadamente em vinil, modo de consumo que privilegia quando se encontra em sua casa no distrito do Porto. Existe ainda o cenário de ida a concertos, contudo será um tema a abordar mais à frente, devido à grande relação com a temática das festas populares, como anteriormente já foi debatido.

É interessante ainda denotar que os entrevistados mais velhos também referem que gostam de comentar assuntos e manifestações culturais nas redes sociais, por vezes integrando grupos específicos a isso, nos quais obtêm informações sobre os mesmos e dão as suas opiniões “nem sempre informadas”, sobre os mesmos.

É também notório que Carolina, como não surpreende, sobretudo devido à sua tenra idade quando comparada aos outros entrevistados, é aquela que mais utiliza a internet para meios culturais, procurando constantemente informações sobre diversos aspetos culturais na internet, quer seja na procura do preçário de bilhetes e informações sobre museus, sítios históricos, entre outros, informação essa que por vezes utiliza para adquirir certos bilhetes, também eles online. O mesmo se passa com os livros e música, principais demonstrações de participação cultural da mesma, sendo que utiliza a internet para adquirir livros, por vezes utilizando o período de pré-venda (por motivos de antecipação, assim como monetários, uma vez que a mesma por vezes vem associada a um desconto). Para propósitos de estudo a mesma também explora, diversas vezes, arquivos e acervos de bibliotecas virtuais de modo a conseguir

aceder a informação importante para os seus estudos de modo mais facilitado e, por diversas vezes, mais económico.

Em contrapartida Ana é aquela que menos utiliza a internet para meios culturais, contudo é importante mencionar que mencionou ter algumas dificuldades em utilizar certos serviços da internet, assim como Joaquim que mencionam a sua idade como principal fator, dizendo que “sou demasiado velho para me habituar a isto”, no entanto a verdade é que já sentem um maior à-vontade quando comparado a um passado recente e isso está visível nas suas respostas, uma vez que Joaquim faz uso de serviços de streaming, nomeadamente a Netflix, embora continue a preferir assistir aos filmes/séries em canais televisivos. Apesar de apresentar dificuldades no que ao domínio das redes sociais diz respeito, confessa que obtém muita informação sobre manifestações culturais, nomeadamente a nível patrimonial, do domínio local, através das páginas de Facebook das instituições políticas locais, assim como dos próprios monumentos, quando é o caso de existir, embora teça duras críticas à falta de informação e websites relativos a diversos monumentos portugueses que dificultam o acesso a informação sobre os mesmos, crítica essa que irei explorar mais à frente.

No subcapítulo anterior mencionou o poder por vezes unificador das festas populares, dando maior destaque ao São João e a verdade é que a literatura anteriormente mencionada pinta um cenário bastante semelhante, uma vez que não existe uma clara predominância de qualquer género, idade, grau de ensino e situação profissional, denotando uma miscelânea populacional nessas festividades, justificando a minha assunção de que se tratava de uma das manifestações culturais mais unificadoras de classes, mas como demonstra o gráfico abaixo, não só de classes, mas também idades, género, escolaridade e situação profissional.

Contudo, existe sim um destaque no gráfico, mas não está relacionado com características de um indivíduo, mas sim a nível geográfico, havendo um maior destaque para a população açoriana que tem 48% de participação, uma oposição clara à população madeirense que está representada apenas com 11% da participação, com as restantes localidades a terem uma participação bastante semelhante entre si.

Pessoas que assistiram a festas locais, por características sociográficas (%)



Gráfico nº5: Pessoas que assistiram a festas locais, por características sociográficas (%). Fonte: Borges, V (2022), p. 39

Como mencionei anteriormente as festas, ditas populares, ou religiosas, foram bastante abordadas durante as entrevistas, por parte dos três entrevistados, onde nas três ocasiões está mencionada a tradição local, assim como o hábito de, nessa altura do ano, ir sair com a família e/ou amigos, divertir-se, ouvir música, participar nos divertimentos, entre muitas outras atividades.

| Entrevistado | Romarias | Concertos | Pirotecnica | Divertimentos | Convívio | Gastronomia |
|--------------|----------|-----------|-------------|---------------|----------|-------------|
| Ana | X | X | X | X | X | X |
| Joaquim | | X | X | X | X | X |
| Carolina | | | | X | X | X |

Tabela nº7: Razões pelas quais os entrevistados se deslocam às festas populares.

Fonte: Autoria própria

As razões pelas quais a visita a festas populares é realizada são várias, no entanto há umas que se destacam, nomeadamente o convívio, quer familiar quer entre amigos, principal motivo citado pelos jovens para a participação nos mesmos. Outro dos pontos unificadores dos três entrevistados passa pela gastronomia, sendo vários as menções à famosa sardinha e caldo verde de São João que marcam presença habitual na mesa dos portuenses durante este período festivo. Não obstante do principal destaque dado ao São João, a verdade é que não foram as únicas festividades mencionadas e existe diversas instâncias diferenciadoras entre elas. Uma das principais tem de se tratar dos divertimentos, quer sejam os famosos carrinhos de choque, ou carrosséis infantis, a verdade é que os três entrevistados mencionam o interesse pelos divertimentos como uma das principais razões que os atraem. Joaquim e Ana mencionam os divertimentos que utilizam com os netos, de modo a criarem memórias e se divertirem com os mais novos, enquanto Carolina recorda os tempos de adolescência em que fazia o mesmo com os colegas.

Uns grandes atrativos destas festas passam pelos concertos musicais, geralmente de música popular ou “pimba” como é apelidada, embora os mais velhos assumam que as grandes festas como São João já atraem outro tipo de bandas, que variam em estilos, representando o hip-hop, o pop e também rock. Já as festas menores, ditas “festas da terrinha” destacam-se as músicas populares e românticas, sendo que os mais velhos recordam a multidão que apareceu quando o cantor Tony Carreira fez uma aparição.

Já Carolina não refere os concertos como um dos principais motivos para a sua visita, uma vez que destaca que gosta do ambiente de concertos, no entanto desloca-se ou em caso de ser possível tenta assistir a concertos de artistas específicos, recordando que recentemente fez

parte da multidão que encheu o Estádio da Luz no recente concerto da estrela pop Taylor Swift que fez a sua estreia em Portugal.

No entanto, não podemos deixar de mencionar os espetáculos pirotécnicos que atraem locais e turistas, assim como o ambiente de romaria que se vive em diversas dessas festas, tendo sido mencionada as festividades de Santa Rita a título de exemplo deste ambiente.

Apesar das diversas razões para a participação nestas festividades locais tão características da classe popular (e não só) portuguesa, diversas são também as razões citadas pela literatura para a não participação, contudo não quero focar demasiado nas mesmas uma vez que não foram citadas pelos entrevistados. Quero antes focar nas críticas que foram mencionadas nas entrevistas como impeditivas.

Certas festividades locais vêm acompanhadas por feriados locais, como acontece com o Santo António em Lisboa, ou São João no Porto, não obstante a falta de tempo pode ainda ser tida em conta na não participação nessas atividades, assim como a simples falta de interesse nessas atividades, aliado à não existência dessas festividades na sua localidade. Contudo, não se pode deixar de mencionar problemáticas como as festividades serem maioritariamente noturnas, a transmissão televisiva (festividades como o São João têm transmissão em canais televisivos como o Porto Canal), assim como a solidão e falta de transportes (Vera Borges, 2022).

As críticas tecidas pelos entrevistados não vão apenas ao encontro do parágrafo anterior, uma vez que a principal crítica tecida não foi mencionada, propositadamente, isto é, a questão monetária. Os três entrevistados, embora com maior enfoque em Ana e Joaquim, que já participaram em mais festividades sobretudo devido à sua idade, referem a questão monetária como o principal impeditivo nos dias que correm. A expressão “é para inglês ver” foi utilizada, assim como “parece que agora só fazem essas festas para os turistas”. Estas críticas são maioritariamente direcionadas para as grandes festividades como o São João, contudo referem que as festividades locais como São Lourenço ou Santa Rita, também apresentam “preços claramente inflacionados”, apesar de bastante menores que as festas sobreditas.

Estas condições económicas podem ser impeditivas da celebração nos moldes até então utilizados, uma vez que segundo os entrevistados “as sardinhas estão a preços impraticáveis” e “até o pão com chouriço estava caro”. No entanto, as questões monetárias não são totalmente impeditivas de festejos para os entrevistados, apenas podem mudar o modo como são festejadas,

dando-se prioridade ao festejo em família e/ou amigos numa residência própria, ao invés dos festejos no centro da cidade do Porto, ou ribeira, ou em casos de mais jovens, os festejos realizam-se nos mesmos moldes nessas localizações, contudo os mesmos partem de casa já jantados, e “a levar as próprias bebidas” de modo ao festejo se tornar “bastante mais barato”.

Esta crítica tem um teor bastante interessante de se teorizar, uma vez que como explicitiei anteriormente estas festividades têm um teor unificador de classes, género, idade, entre muitas outras diferenças. Não obstante, se estas críticas começarem a multiplicar-se a questão económica poderá afastar a classe social mais desfavorecida destes festejos populares, tornando-se exclusiva a quem possa “pagar”. Embora eu não creia que seja possível afastar por completo uma classe social destes festejos que no levam no próprio nome “popular”, a verdade é que estas questões têm de ser encaradas com grande seriedade, de modo a preservar essa essência portuguesa. Caso contrário, pode não significar um afastamento total de uma classe social mais desfavorecidas, mas, assim como já tem acontecido, pode mudar os moldes de como as grandes festas populares/religiosas são encaradas.

Passarei agora para a última manifestação cultural que pretendo focar, no entanto, antes de o fazer quero expor alguns apontamentos relativos a manifestações culturais que até então não foram exploradas, nomeadamente o teatro, uma vez que os três entrevistados revelam não ter hábitos de ida ao teatro, embora revelam que não estariam opostos à ideia de o fazerem, com Carolina a revelar que já há bastante tempo tenciona ir assistir a teatro português, mas a falta de tempo, assim como a questão monetária por vezes são os grandes entraves a essa prática. O mesmo pode ser utilizado no que à ópera diz respeito, no entanto a falta de interesse, aliada a um grande problema monetário são as principais razões mencionadas para a não participação. Já a dança obteve respostas diferentes, uma vez que nenhum dos entrevistados é praticante desta arte, ou sequer assíduo espectador da mesma, contudo revelam, sobretudo Joaquim, que devido a familiares, neste caso neta, estarem em grupos de dança, o mesmo vai ver os seus espetáculos com “bastante gosto e orgulho”.

Feito esta menção irei agora abordar aquela que será as últimas manifestações culturais, isto é, monumentos históricos, museus, galerias de arte, que decidi agrupar num só grupo, uma vez que as respostas foram semelhantes e as conversas durante as entrevistas foram simultâneas, apesar de nem sempre a bibliografia o fazer. Na literatura existe uma clara diferenciação entre os monumentos históricos e os museus e, embora em certos momentos nesta dissertação os diferenciar de modo claro, a verdade é que me pareceu melhor agrupar os mesmos, assim como

acontece em certas obras da área, onde os mesmos aparecem agrupados no mesmo capítulo, embora depois sejam tratados de forma diferente.

Confesso que, talvez devido a maior interesse pessoal, este foi o tema cultural mais abordado durante as entrevistas e, como tal, poderá ter mais informação e/ou gráficos associados ao mesmo, apesar das questões envolvidas terem sido semelhantes às restantes.

Assim como explanei anteriormente nesta dissertação, esta modalidade cultural gerou respostas bastante interessantes, uma vez que os três entrevistados revelam visitas quer antigas, quer recentes a monumentos e museus, aliados a uma vontade de querer realizar mais visitas, no entanto deixam também bastante claras as limitações dessas instituições, assim como, pontos a melhorar para atraírem um potencial público. Algumas destas respostas são semelhantes às já existentes na mais diversa literatura, contudo existe pontos que a literatura pouco menciona que os entrevistados mencionaram com grande destaque.

Características sociográficas dos visitantes (%)

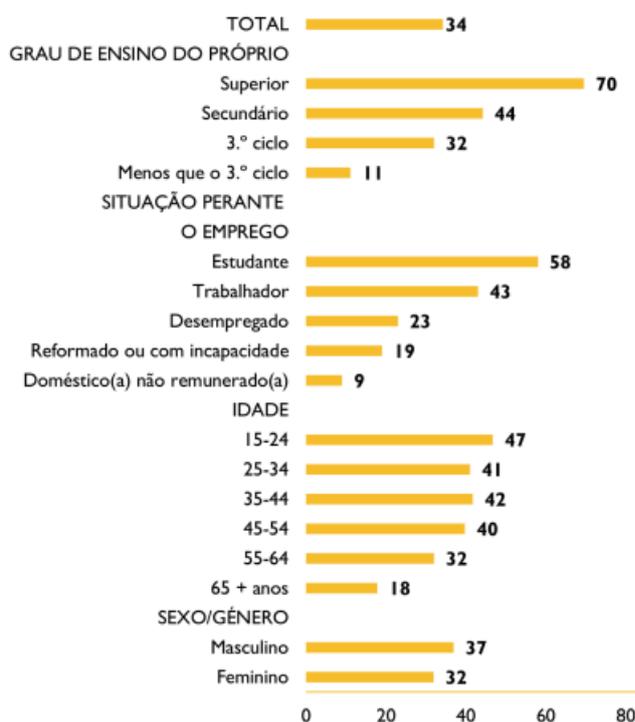


Gráfico nº6: Características sociográficas dos visitantes de monumentos/museus. Fonte: Martinho, T. (2022), p.29

Embora isto seja a representação dos inquiridos na obra mencionada, a verdade é que não difere de todo de outros estudos individuais de públicos dos museus realizados em Portugal e mencionados na primeira parte da presente dissertação. Através deste gráfico que, embora simplificado, conseguimos retirar um perfil dominante nos visitantes. Podemos aferir que são

na sua maioria estudantes ou trabalhadores, com o ensino superior que se revelam como o maior público destas instituições. A nível de idades e de sexo/género a diferenciação não é significativa, embora se veja uma pequena predominância masculina. Não podemos deixar de mencionar o papel das escolas na motivação destas práticas, uma vez que uma grande parte dos visitantes tem idades compreendidas entre o percurso escolar, assim como o principal destaque na vertente de ocupação são os ainda estudantes.

Contudo, através desta pequena descrição conseguimos perceber que os meus entrevistados não se enquadram, de todo, com exceção de Carolina, no perfil predominante de visitantes. Há um enfoque enorme nas classes mais instruídas, geralmente associadas a classes sociais média-alta, deixando o foco de fora das classes sociais operárias e/ou populares, apesar desta ser bastante diversificada. Quem o diz são os entrevistados que defendem que não sentem o público-alvo dessas instituições. Quando confrontados com algumas iniciativas de certas instituições museológicas para atrair mais público desfavorecido, os mesmos alegam desconhecimento sobre tais medidas, dando relevo a uma maior necessidade de publicitação das mesmas, embora isso seja um tema a discutir mais à frente.

Carolina é um exemplo interessante, cada vez mais presente na classe popular, uma vez que apesar de ser de um berço operário e popular, prosseguiu os estudos até ao ensino superior, que ainda frequenta, apesar de num estatuto de trabalhadora-estudante. Com a descrição simplista de estudante, mulher, do ensino superior, ignorando outros detalhes da sua vivência, enquadrava-se perfeitamente no perfil de visitantes de museus, contudo, vem de um seio familiar claramente propício à anterior explicitada exclusão cultural. A mesma revela que o papel da escola em cultivar o seu interesse pelas mais diversas artes, assim como o seu interesse pessoal, é determinante nos seus consumos culturais atuais, uma vez que nem sempre foram cultivados pelo seu meio familiar.

Apesar de existir uma clara predominância de certos grupos nos visitantes e, assim sendo, seja totalmente compreensível que muitas das exposições/atividades feitas por parte dos serviços educativos dessas instituições museológicas sejam feitas tendo em conta esse grupo, embora, como fiz questão de mencionar nas entrevistas, exista diversas atividades voltadas para uma atração de público ao chamado público desfavorecido que tende em enquadrar-se no não público dos museus e/ou monumentos.

Tendo esta definição em conta, podemos denotar uma clara intenção por parte dos entrevistados, que embora não seja uma generalização de uma classe social, muito menos uma

tão heterogênea como a popular, em participar mais nestas manifestações culturais, mas por razões que discutiremos mais à frente não o fazem.

| Entrevistado | Ana | Joaquim | Carolina |
|----------------------------------|-----|---------|----------|
| Importância histórica do espaço | X | X | X |
| Convívio | X | X | |
| Beleza do espaço e/ou obras | | | X |
| Recomendação de outrem | | X | |
| Querer aprofundar o conhecimento | X | | X |
| Por Lazer/Passeio | X | X | X |
| Redes Sociais | | X | |

Tabela nº 8: Motivos pela realização da visita a um espaço museológico e/ou monumento histórico por parte dos entrevistados

Fonte: Autoria própria

As razões dadas pelos entrevistados para a realização de entrevistas são semelhantes às oferecidas pelos visitantes inquiridos em bastantes outros trabalhos, o que revela um padrão de valores que atraem o público. Padrão esse muito mais comum e que transcende classes do que a razão oferecida para a não visita.

Como é notório no gráfico existe uma predominância clara de dois grandes fatores no que diz respeito à atração dos entrevistados. A primeira opção, aquela que mais vezes foi sendo citada ao longo das entrevistas está relacionada com a importância histórica do espaço, que atrai a curiosidade dos entrevistados, assim como o gosto pelo passado. O toque histórico de um monumento e/ou exposição serve como impulsionador do mesmo para um público mais geral e não apenas uma minoria interessada num certo tipo artístico. No entanto, não foi a única razão que obteve o consenso dos três entrevistados, uma vez que a simples visita “para descontrair”, isto é a realização desta viagem cultural por puro lazer (mais uma vez o lazer a aparecer aliado às práticas culturais) também aparece como motivo principal da realização dessa visita, demonstrando o poder pacificador e prazeroso que estas instituições podem ter para certos elementos da sociedade.

Contudo, mais nenhuma razão detém o consenso dos entrevistados, talvez mais surpreendentemente Joaquim foi o único a mencionar as redes sociais como motivo de querer visitar algo, uma vez que Carolina assume procurar e assistir a certas publicações relacionadas a essa temática, no entanto não considera que sejam motivo suficiente para a realização da visita. Já o aprofundamento do conhecimento une Ana e Carolina, contudo Joaquim refere que isso, para si, não é a razão da visita, mas sim um bom complemento da visita e referente à qualidade do local, no entanto tem em conta a recomendação de conhecidos para a realização da visita.

Carolina é a única que refere a questão estética como determinante para a realização da visita, sendo que Ana e Joaquim, assim como acontece no exemplo anterior, consideram um complemento interessante, mas não uma razão determinante para a realização da visita. Por fim Ana e Joaquim voltam a concordar na realização de visitas a monumentos históricos pelo convívio que o mesmo pode proporcionar, embora refiram que em museus esse convívio pode ser dificultado pelo ambiente propício ao silêncio e atenção que por vezes os monumentos históricos “sobretudo ao ar livre” que permitem e são propícios a esse convívio desejado pelos entrevistados.

É interessante também analisar com quem é que os entrevistados realizam as visitas, sobretudo porque a visita a um destes espaços de forma solitária pode ser bastante difícil de encarar para uma vertente da população, quer por questões de gosto, quer por questões de dificuldades, sejam elas cognitivas, ou físicas.

| Entrevistado | Familiares | Amigos | Grupo Escolar | Outro grupo organizado | Sozinho |
|--------------|------------|--------|---------------|------------------------|---------|
| Ana | X | X | | X | |
| Joaquim | X | X | | | |
| Carolina | X | X | X | X | X |

Tabela nº 9: Com quem os entrevistados realizaram a visita a monumentos históricos e museus.

Fonte: Autoria própria

Como podemos ver Carolina é bastante polivalente nas suas companhias assumindo que já realizou as suas visitas com familiares, amigos, através de visitas de estudos no contexto escolar, outros grupos organizados, normalmente guiados, assim como já realizou essas visitas,

sobretudo nos contextos museológicos, totalmente sozinha. Já Ana e Joaquim têm uma análise diferente, uma vez que no seu tempo escolar assumem que não tiveram qualquer visita de estudo realizada, mas também só pretendem fazer estas visitas caso se encontrem acompanhados, quer sejam familiares, amigos, ou, no caso de Ana, um grupo guiado organizado. A visita a só não é justificável para qualquer dos dois entrevistados mais velhos, uma vez que envolveria diversas problemáticas a discutir a seguir.

Tendo analisado os pontos fortes e atraentes destas instituições, resta-nos analisar quais são os pontos fracos, assim como as principais razões dadas para a não visita desses espaços, por parte dos entrevistados.

| Entrevistado | Ana | Joaquim | Carolina |
|------------------------------------|-----|---------|----------|
| Falta de Tempo | X | X | X |
| Falta de Interesse | | X | X |
| Prefere Realizar outras atividades | X | X | |
| Questão Monetária | X | X | X |
| Não existe na minha localidade | X | X | |
| Não tenho com quem ir | X | | |
| Receio de não entender | X | | |
| Falta de Informação | X | X | |

Tabela nº 10: Razões para a não visita de monumentos ou espaços museológicos por parte dos entrevistados

Fonte: Autoria própria

Como seria de esperar, Carolina que é a entrevista que mais visita estes espaços é a que oferece menor razões para a não participação, contudo, apesar de ter um hábito de iniciar essas visitas, confessa que poderia fazer mais e explicitou-me as razões para tal. Assim como acontece em pontos anteriores existe razões que conseguem angariar o consenso por parte dos entrevistados.

Começarei pela hipótese de falta de tempo que foi mencionada por todos os entrevistados como a principal razão para a qual não realizam mais visitas. As críticas ao horário

de funcionamento de diversas instituições museológicas, assim como os museus foram constantes entre os entrevistados, admitindo que “se torna impossível” realizar a visita quando trabalham das 9h às 17h, ou em certos casos períodos mais extensos, e muitos museus e monumentos fecham às 18h. Sendo assim, torna-se impraticável a realização da visita, uma vez que o percurso trabalho para casa, e depois para a instituição que pretendia visitar, ultrapassaria a hora que lhes restava. O que também acontece é que ao fim de semana, nomeadamente domingo, porque tanto Ana como Joaquim referem trabalhar ao Sábado, os mesmos optam por realizar outras tarefas para descontraír, ou simplesmente ficar por casa a descansar, o que se trata de outra razão para a não visita. Já Carolina para além de mencionar os horários de funcionamento de museus e monumentos, fala de uma difícil coordenação entre o estudo e trabalho o que a deixaria com virtualmente “zero momentos livres”.

A outra razão que adquiriu consenso entre os entrevistados foi a questão monetária que envolve diversas variantes. Isto é, quando eles mencionaram a questão monetária não se referiam apenas ao preço do bilhete, embora também houvesse reclamações quanto ao preço pedido que consideravam “impraticável” por várias instituições, tanto públicas como privadas, mencionando a Fundação Serralves, a título de exemplo, que desmotivam a visita. No entanto, para além do preço do bilhete, junta-se o preço da deslocação e, muita das vezes, alimentação, uma vez que como a tabela demonstra a não existência dessas instituições na sua localidade também apresenta um entrave.

Contudo, por vezes a razão da não visita pode ser tão simples como a falta de interesse, sendo que tanto Joaquim como Carolina revelam que por vezes simplesmente não têm interesse em fazer mais visitas do que aquelas que fazem e, como tal, optam por outra opção. No obstante, Joaquim, assim como Ana, levantam ainda a problemática da falta de informação, revelando que apesar de se considerar uma pessoa atenta às notícias e ao seu redor, muitas das vezes não sabe o que visitar e onde o fazer, uma vez que não encontra essas informações de modo mais facilitado, dizendo que “vejo às vezes na internet, mas não sei trabalhar bem com aquilo, acho que fazem mal em focar muito na internet porque deixa pessoas mais velhas como eu de lado. (...) Por exemplo, nunca vejo essas coisas no jornal e eu leio o jornal todos os dias”.

Ana, por sua vez, levanta duas questões importantíssimas, a primeira delas, tratada em bastante literatura sobre o tema, é a questão de não ter com quem fazer essas visitas, uma vez que, assim como foi explanado acima, não tem essas organizações perto de casa e como não tem carta de condução teria de se deslocar, algo que se torna complicado fazer sozinha,

deixando-a deveras incomodada, uma vez que revela ter bastante interesse em realizar essas visitas. Já a segunda questão levantada por Ana não é bastante analisada na literatura consultada, isto é, o receio que a mesma sente de não entender. Assim como mencionei anteriormente, Ana revela um sentimento de que, sobretudo os museus, são “coisas para os doutores e não para pessoas como eu”, revelando que tem bastante receio de visitar e não conseguir entender o que lá está exposto e/ou explanado. Sente que não existe uma aproximação por parte destas instituições museológicas para tranquilizar aqueles com menor escolaridade, revelando que já teve conversas dessas com amigas que revelaram o mesmo problema. Sente que seria interessante por parte dos museus aproximarem-se de populações mais desfavorecidas e das suas localidades numa tentativa de desmitificar o seu conteúdo, numa tentativa de conseguir uma maior abertura a um não público interessado, mas receoso. Revela que por vezes sente que se existe algum meio que os tranquilizasse quanto a essa visita, sentia um à-vontade maior para a realização das visitas, sem recear “passar por burra”.

Analisadas as razões para a não visita, é importante mencionar que, apesar das mesmas existirem e, por vezes, serem bastante impeditivas no entendimento dos entrevistados, eles esforçam-se para realizarem essas visitas e na verdade conseguem nomear bastantes. É interessante perceber que a grande maioria das visitas são realizadas em Portugal, sobretudo porque dois (Ana e Carolina) dos entrevistados nunca viajaram para fora de Portugal. Joaquim realizou as primeiras visitas fora de Portugal para visitar os filhos emigrados, visitas essas que aproveita para conhecer outras manifestações culturais fora de Portugal. Contudo tenho de mencionar que apesar das visitas serem em Portugal, são realizadas fora da sua localidade, ainda que algumas dentro de seu distrito, devido à falta de aposta da sua administração local nestas instituições ou exposições. Essa necessidade de deslocação para realizar as visitas demonstra não só o interesse que os entrevistados têm nas mesmas, mas também a veracidade/realidade das críticas e razões expostas pelos mesmos.

Em suma, esta apresentação de dados retirados das entrevistas vão ao encontro do panorama nacional pintado pela literatura no que à participação cultural diz respeito, isto é, uma não participação visível em grandes eventos culturais, pelas mais diversas razões por parte desta classe social, mas com as suas particularidades de consumo cultural que por vezes não é exposto nessa literatura, embora deixe claro uma imagem de um interesse acrescido que por vezes não é notório através de pesquisas por inquérito, mas bastante perceptível através de entrevistas narrativas longas que permitem um maior entendimento do porquê das ações de cada indivíduo.

Conclusão

Esta dissertação de mestrado tem como principal objetivo compreender a relação existente entre a classe socioeconómica em que um indivíduo se enquadra e as suas práticas culturais, através de uma revisão bibliográfica da literatura existente, assim como uma vertente original que consistia em entrevistas narrativas a três indivíduos, inspirado pela obra de Bertaux (2020). Esta divisão na estratégia metodológica permitiu a recolha e cruzamento de vários dados, sejam eles qualitativos, obtidos sobretudo através das entrevistas, ou quantitativos, obtidos através da literatura. Deste cruzamento resultou a divisão de tópicos presentes nesta dissertação, de modo a compreender as perspetivas relativas à procura cultural, numa tentativa de encontrar possíveis encontros com a oferta em vigor. É necessário ainda dar um grande destaque à disponibilidade e interesse dos entrevistados na participação deste estudo.

Os resultados obtidos no decorrer desta investigação permitiram responder à principal questão da mesma, isto é, “Existe uma relação entre as desigualdades socioeconómicas de um indivíduo e as suas práticas culturais?”. Conclui-se, num processo inicial da investigação que essa relação é existente e, na verdade, bastante presente na mente dos inquiridos aquando das suas práticas culturais. Denota-se não só a presença de práticas ditas populares como é o caso do futebol e as festas populares, ou até a música pimba, mas sim uma mais ampla participação cultural por parte dos inquiridos. Denota-se uma clara existência de procura por parte de uma classe social mais desfavorecida da dita cultura erudita, por vezes entendida como de maior valor. Ainda assim, revelam que apesar do interesse vigente, existe um grande número de entraves à sua realização, embora nem sempre causados pela falta de oferta, mas sim pela não divulgação da mesma, aleada a uma ideia pré-concebida de que aquela classe social não pertence a instituições de património cultural, museus, ópera, entre muitas outras mencionadas na presente dissertação.

No enquadramento teórico inicial deste estudo, foi-nos permitido constatar que a oferta não se cinge à dita cultura popular, mas existe por parte de instituições como museus uma tentativa de alcançar este público mais desfavorecido, nomeadamente, através de iniciativas realizadas por parte dos serviços educativos destas instituições, numa tentativa clara de alcançar e integrar uma vertente populacional por vezes afastada. Nesta fase da dissertação foi-nos permitido entender que estudos deste género já são antigos, sendo que já Bourdieu ilustrava o papel das desigualdades sociais no acesso à cultura, sobretudo cultivada, demonstrando que

apesar de tecnicamente a cultura estar aberta a todos, a sua participação era ainda bastante restrita para uma maioria populacional.

É, portanto, fundamental que no combate às desigualdades socioeconómicas, seja atacado a vertente cultural, numa tentativa de atingir uma maior democracia cultural, aleada a uma maior promoção de diferentes formas de utilização do tempo direcionado para o lazer ou práticas culturais, de uma maneira produtiva e prazerosa, que afaste esta camada populacional de um possível risco de exclusão social. Estas instituições tendem a defender, nas suas missões e valores, estes objetivos e são detentores de um vasto potencial para atuação e de ter um papel ativo na mitigação de vários desafios expostos nesta dissertação e na vida da classe popular, quer a nível individual, quer num nível mais vasto social. Estas instituições podem servir como espaços de educação, de socialização entre a comunidade, mas também de lazer. Este último ponto detém uma importância maior, uma vez que, por vezes, as instituições tendem a focar em demasia na vertente educacional, esquecendo-se que não competem apenas com a presença de um museu na rua adjacente, mas também com espaços de típico lazer como parques e centros comerciais que tendem a atrair uma maior vertente populacional. Em suma, estas instituições podem funcionar como um espaço digno de participação e desenvolvimento social e humano, numa caminhada longa para uma obtenção mais fiel à democracia cultural, cumprindo assim os seus principais objetivos e valores.

Contudo, foi, ao longo deste trabalho, notório que em Portugal as práticas culturais são fracas, quando comparadas com outros países da União Europeia e, como tal, não nos surpreende que o cenário seja semelhante ou, ainda mais negativo, no que à classe popular diz respeito. Contudo, é possível afirmar que a procura e o interesse destas pessoas têm vindo a aumentar, sobretudo entre camadas mais jovens da população.

Para tal, não é possível ignorar o papel da popularização dos serviços de Internet, que, embora aliados a contrapartidas que não pertencem à presente dissertação, são utilizados na procura de informação cultural, assim como permitem um mais fácil acesso à mesma. Apesar disto, as instituições não devem partir para uma total dependência do digital para a divulgação das suas atividades e serviços, uma vez que isto pode contribuir para uma amplificação destas mesmas desigualdades, uma vez que apesar da presença digital estar alargada a uma grande parcela populacional, ainda existe uma porção da população sem acesso a esses serviços. Para além do possível não acesso, existe uma geração mais velha que, assim como foi revelado nas entrevistas, sente uma maior dificuldade no domínio do digital, podendo assim ficar excluído

desse acesso. Em suma, é-se encorajado que se transite para um mundo digital para atingir um maior público, embora não se dependa totalmente desse meio.

Os resultados da presente investigação confirmam a satisfação dos inquiridos aquando da sua visita e/ou inserção de diversas práticas culturais, para todos os intervenientes. Portugal, embora bastante afastado de tempos de maioríssimas desigualdades, continua com uma presença notória das desigualdades socioeconómicas, como foi testemunhado na presente investigação.

A verdade é que são inúmeras as orientações, quer nacionais, quer internacionais que vão no sentido de maximizar os esforços para a obtenção de uma democratização e democracia da cultural, muitas vezes aleadas a projetos ou indicações que envolvem a temática das acessibilidades, tema de maior importância, mas que em si só se revela insuficiente. Como tal, as diferentes instituições devem revelar-se mais proativas no que à maximização do espaço, do seu acervo, assim como os profissionais que têm ao seu dispor, numa tentativa de maior preparação para uma possível integração desta parcela da sociedade, que por vezes se autoexcluiu num pensamento pejorativo de que não pertence naquele espaço, numa tentativa de tornar o seu espaço inclusivo, através das suas coleções, staff, conhecimentos e memórias que contribuam para a integração e bem estar de todas as parcelas da sociedade.

Neste sentido, é importante estabelecer vínculos fortes com os públicos num sentido de desenvolver experiências que reflitam e transmitam valores e conhecimento para a vida das pessoas, tornando as pessoas em participantes e criadoras de cultura, para que as mesmas se sintam incentivadas a regressar e a transmitir a palavra, uma vez, que como revelaram as entrevistas, nunca se pode subestimar o poder da transmissão da palavra por meios informais.

Os estudos relativos às práticas culturais da classe popular existem e, na sua grande maioria, são de fácil acesso, contudo o presente estudo, embora incapaz de ser utilizado como meio de generalização, revela um interesse acrescido na procura de práticas culturais mais diversas, desde as ditas práticas de cariz popular a atividades culturais cultivadas. Como tal, seria interessante um estudo maior no sentido da avaliação desta questão, numa tentativa de oferecer às instituições dados mais concretos para que consigam direcionar a oferta para uma vertente mais semelhante à procura.

Por último, tenho de explorar a nota vital nas entrevistas, isto é, a classe popular é, na sua génese, uma classe social bastante heterogénea e, como tal, as respostas, práticas culturais

e interesses acrescidos da mesma serão bastante diversos, tornando bastante difícil a tarefa de direcionar atividades e legislação para um grupo tão numeroso e diverso. Contudo, a maior diferença presente nas entrevistas revelou ser a geracional, embora, tenha sido possível comprovar uma evolução para uma maior aproximação entre as diferentes gerações, quando comparadas ao presenciado na infância dos diferentes entrevistados.

Em suma, são muitos os progressos que têm vindo a concretizar-se dentro desta temática, embora seja um trabalho inacabado e passível de melhorias, quer seja através de novos estudos sobre a mesma, desta vez com uma composição mais ampla e diversa, quer através da evolução da legislação em vigor direcionada para estes temas.

A existência destes estudos são essenciais não só para os académicos que têm interesse sobre a temática, ou sequer as instituições que poderão utilizar os mesmos para um aproximar e melhoramento das suas condições de integração, mas também para a classe estudada, através de um sentimento de que as suas vozes estarão a ser ouvidas e, através disso, maximizar o interesse das mesmas nas mais diversas práticas culturais, numa tentativa de quebrar o padrão existente de que existe cultura para os “ricos e letrados” e cultura para o povo.

Bibliografia

- Antunes, M.L; Magalhães, P.; Pais, J.M. (Coords.), (2022) Práticas Culturais dos Portugueses: Inquérito 2020. Coleção Geral. Lisboa. ISBN:978-972-671-685-3
- Barriga, S., & Silva, S. G. D. (2007). Serviços educativos na cultura. Porto: Setepés. ISBN: 978-972-99312-3-9
- Bertaux, D. (2020). As Narrativas de Vida. Lisboa: Mundos Sociais. ISBN: 978-989-8536-75-4
- Bourdieu, P. & Darbel, A. (1969). L'amour de l'art : les musées d'art européens et leur public. 2^a ed. Les Éditions de Minuit.
- Brighenti, S. B. (2021). A cultura e a promoção da democracia: recomendações da Carta do Porto Santo para os museus. *Midas*, 13, 16
- Bryman, A (2012) *Social Research Methods*, Oxford: OUP.
- Camacho, C. F. (2010). Rede Portuguesa de Museus (2000-2010): balanço de uma revolução tranquila. *Museologia.pt*, 4, 10-33.
- Camacho, C. F. (2014) Credenciação, sistemas e redes nacionais de museus: uma panorâmica europeia contemporânea. Universidade de Évora. Tese de Doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/11718>
- Camacho, C. F. (Coord.). (2021). Grupo de Projeto Museus no Futuro. Relatório Final. DGPC
- Campenhoudt, L.V., Quivy, R. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva
- Cardoso, R. A. (2022). Os museus e os conteúdos digitais na internet e nas redes sociais online: A perspetiva dos públicos [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/26749>
- Cicchelli, V., Octobre, S., & Riegel, V. (2016). After the Omnivore, the Cosmopolitan Amateur: Reflections about Aesthetic Cosmopolitanism. *The Global Studies Journal*, 9(1), 55-70.
- Costa, A. F. (1997). Políticas culturais: conceitos e perspectivas (versão eletrónica). *OBS*, 2, 10-14.

- Costa, A. F. (1999), Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural, Celta.
- Costa, A. F. (2012). Desigualdades Sociais Contemporâneas. Editora Mundos Sociais. Lisboa.
- Creswell, J W (2003) Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Thousand Oaks: Sage
- Eco, U. (1995 [1977]). Como se faz uma tese em ciências humanas. 6ª edição. Editorial Presença.
- Esquenazi, J. (2006). Sociologia dos Públicos. Porto Editora.
- Fernandes, J. S. S. (2023). Museus e público sénior: Encontro entre as perspetivas da oferta e da procura: Estudo de caso no município de Lisboa [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/29660>
- Fernandes, R. F. d. S. S. (2020). A origem e o papel dos Serviços Educativos dos Museus da RAM: uma abordagem [Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira]. <http://hdl.handle.net/10400.13/3115>.
- Figurelli, G. (2015). Os serviços educativos em museus portugueses: uma contextualização histórica. Cadernos De Sociomuseologia, 50(6). <https://doi.org/10.36572/csm.2015.vol.50.05>
- Foà, C.; Lima, M. J.; Neves, J. S.; Pereira, T. M.; Santos, J.; Schiappa, M. (2018). Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional do Azulejo. Direção Geral do Património Cultural. <http://hdl.handle.net/10071/15789>
- Foà, C.; Lima, M. J.; Neves, J. S.; Pereira, I.; Santos, J. (2019). Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. Direção-Geral do Património Cultural.
- Gastal, S. (2013). Festa e identidade: o São João do Porto. ANTARES: Letras E Humanidades, 5(9), 178–196. <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2209>
- Hooper-Greenhill, E. (1994). Museum Education: Past, Present and Future. In R. Milles, & L. Zavala (Eds.), Towards the Museum of the Future (pp. 133-146). London, New York: Routledge.

- Jesus, L. (2021) - A notoriedade do São João no Porto enquanto evento turístico. Instituto Politécnico do Porto. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.22/19054>
- Lima, M.J.; Miranda, A. P.; Neves, J. S.; Santos, J. (2019). Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional dos Coches. Direção-Geral do Património Cultural. <http://hdl.handle.net/10071/18467>
- Lima, M. J.; Lopes, M. A; Neves, J. S.; Santos, J. A. (2019). Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional de Etnologia. Direção-Geral do Património Cultural. <http://hdl.handle.net/10071/17811>
- Lopes, J.T, Louça, F., & Ferro, L. (2017). As Classes Populares - A produção e a reprodução da desigualdade em Portugal. Bertrand Editora
- Mourão, T; Santos, J. (2021). Relatório Diagnóstico aos Serviços Educativos e de Mediação Cultural dos Museus da Rede Portuguesa de Museus 2021. Direção-Geral do Património Cultural
- Neves, J. S. (Coord.), Santos, J. A. & Lima, M. J. (2013). O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI. DGPC.
- Neves, J. S. (2014). Desigualdades culturais na Europa. Observatório das Desigualdades e-Working Paper, (2), Artigo doi: 10.15847/CIESODWP022014.
- Neves, J. S. & Mourão, T. (2016). O estudo de públicos nos Museus Nacionais. Revista Património, 4, pp. 140-144
- Neves, J.S & Gomes, RT (2018). Práticas culturais e acesso à cultura. In Desigualdades Sociais: Portugal e a Europa (pp. 41-52). Lisboa. Mundos Sociais.
- Neves, José Soares (coord.), Jorge Santos, Maria João Lima e Teresa Moura Pereira (2018), Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, DGPC.
- Neves, J. S. C., Lima, M. J., Santos, J., & Pereira, T. M. (2018). Públicos do Museu Nacional de Soares dos Reis. DGPC. <http://hdl.handle.net/10071/16833>

- Neves, J. S., Lima, M. J., Santos, J., Macedo, S. C., Martins, A., Pratas, S., Pereira, J., & Nunes, N. (2023) - Democracia cultural e políticas públicas: o papel do associativismo popular. CPCCRD. Disponível em: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/democracia-cultural-e-politicas-publicas-o-papel-do-associativismo-popular/96050>
- Neves, J.S., Santos, J., Ferreira, L. – (2023). Os Museus da Rede Portuguesa de Museus em 2022. OPAC. Disponível em: <https://opac.cies.iscte-iul.pt/museus-da-rpm-2022>
- OECD (2008) - Income Distribution and Poverty in OECD Countries.
- Otmianowska, M. (2020). Social Responsibility of Museum Education. Research Directions. TNFS, 4, 81-91
- Peterson, R. (1992) “Understanding Audience Segmentation: From Elite and Mass to Omnivore and Univore.” Poetics 21 (4): 243–58.
- Peterson, R. (2004) Le passage à des goûts omnivores: Notions, faits et perspectives. Sociologies et sociétés 30(1): 145–164
- Phillips, D. C., & Burbules, N. C. (2000). Postpositivism and educational research. Rowman & Littlefield.
- Símplicio, S. (2010). Públicos do Museu Nacional de Arte Contemporânea: Museu do Chiado [Dissertação de Mestrado, ISCTE]. <http://hdl.handle.net/10071/2330>.
- Therborn, G. (org.) (2006), Inequalities of the World. New Theoretical Frameworks, Multiple Empirical Approaches, Londres, Verso
- Tilly, C. (2005), “Historical perspectives on inequality”, em Mary Romero e Eric Margolis (orgs.), The Blackwell Companion to Social Inequalities, Malden, Blackwell, pp. 15-30
- Vale, P. P., Brighenti, S. B., Pólvora, N., Fernandes, M. A., & Albergaria, M. E. (2019). Plano Nacional das Artes: Uma estratégia, um manifesto 2019-2024.
- Vale, P. P. D. (2023). A pedra de Exu. a cultura como aventura. Em C. V. Gonçalves (Ed.), Os Próximos 10 Anos do Património
- Vigário de Sousa, M. M. (2015). Público(s) do Museu Calouste Gulbenkian [Dissertação de Mestrado, ISCTE]. <http://hdl.handle.net/10071/11635>.

Villarroya, A. A., & Llopis-Goig, R. (2021). Elites and culture: Social profiles in the cultivated population. *Cultural Sociology*, 15(4), 509–538. <https://doi.org/10.1177/1749975521998303>

Vlachou, M. (Coord.). (2020). A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade: Como criar um plano de acessibilidade. Câmara Municipal de Lisboa e Acesso Cultura

Legislação Internacional

Universal Declaration of Human Rights – Portuguese. <https://www.ohchr.org/en/humanrights/universaldeclaration/translations/portuguese?LangID=por> [Acesso em 13/12/2023].

Legislação Nacional

Constituição da República Portuguesa – CRP. Diário da República, n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10.

Decreto-Lei n.º 398/99, de 13 de outubro. Diário da República, Série I-A, n.º 239/1999, de 1999-10-13. [Altera o Decreto-Lei n.º 161/97, de 26 de junho, que aprova a orgânica do Instituto Português de Museus]. (1999)

Decreto-Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto. Diário da República, Série I-A, n.º 195/2004, de 2004-08-19. [Lei-Quadro dos Museus Portugueses].

Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto. Diário da República, Série I, n.º 152/2006, de 2006-08-08. [Aprova o regime da acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, revogando o Decreto-Lei n.º 123/97, de 22 de maio].

Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio. Diário da República n.º 102/2012, Série I de 2012-05-25. [Aprova a orgânica da Direção-Geral do Património Cultural]

Decreto-Lei n.º 78/2023, de 4 de setembro. Diário da República n.º 171/2023, Série I de 2023-09-04. [Procede à criação do Património Cultural, I. P., e aprova a respetiva orgânica]

Resolução do Conselho de Ministros n.º 9/2007, de 17 de janeiro. Diário da República, 1ª série, nº 12, de 17 de janeiro de 2007. [Plano Nacional de Promoção da Acessibilidade (PNPA)].

Fontes Estatísticas

Eurobarómetro. (2013). Cultural access and participation - Factsheets Portugal. Comissão Europeia. <https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/1115> [Acesso em 24/01/2024].

Eurobarómetro. (2017). Cultural Heritage. Special Eurobarometer 466. Comissão Europeia. https://data.europa.eu/euodp/data/dataset/S2150_88_1_466_ENG [Acesso em 24/01/2024].

ICOM – International Council of Museums. (2020). 2020 – Museums for Equality: Diversity and Inclusion. International Museum Day. <https://imd.icom.museum/past-editions/2020-museums-for-equality-diversity-and-inclusion/> [Acesso em 12/01/2024].

ICOM. (s.d.a). History of ICOM. <https://icom.museum/en/about-us/history-of-icom/> [Acesso em 12/01/2024].

ICOM. (s.d.b). Missions and objectives. <https://icom.museum/en/about-us/missions-andobjectives/> [Acesso em 12/01/2024].

ICOM Portugal. (2022). Nova definição de Museu. <https://icom-portugal.org/2022/09/30/novadefinicao-de-museu-2/> [Acesso em 16/01/2024].

ICOM Portugal. (2023). Museus, Sustentabilidade e Bem-estar. Dia Internacional dos Museus 2023. <https://icom-portugal.org/2022/12/10/museus-sustentabilidade-e-bem-estar-diainternacional-dos-museus-2023/> [Acesso em 16/01/2024].

INE. (2023). Estatísticas da Cultura – 2022. INE.

Webgrafia

Expresso (04/09/2023) <https://expresso.pt/economia/trabalho/2023-09-04-Centeno-diz-que-diminuicao-do-numero-de-licenciados-em-Portugal-e-desvio-estatistico-bfe9abb7> [Acesso em 18/03/2024].

Porto. <https://cultura.cm-porto.pt/museus> [Acesso em 26/08/2024].

Porto. https://cultura.cm-porto.pt/teatros/teatro-municipal-do-porto_1 [Acesso em 26/08/2024].

Público, (13/05/2024) <https://www.publico.pt/2024/05/13/p3/noticia/ha-jovens-so-leem-livros-ingles-preocupa-editoras-2089644> [Acesso em 19/06/2024].

República portuguesa. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/noticia?i=novo-regime-de-gratuidade-no-museu-e-monumentos> [Acesso em 15/09/2024].

Sapo, (29/09/2021) - <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/deixem-o-pimba-em-paz-bruno-nogueira-e-manuela-azevedo-regressam-ao-porto-em-novembro> [Acesso em 12/06/2024].

Observador, (05/03/2024) <https://observador.pt/2024/03/05/portugal-regista-o-2-o-maior-consumo-do-mundo-de-medicamentos-para-insonias/> [Acesso em 19/06/2024].

Observador, (19/06/2024) <https://observador.pt/2024/06/19/lancamento-de-baloes-de-sao-joao-permitido-entre-as-21h45-de-23-de-junho-e-01h00-de-24/> [Acesso em 26/07/2024].

Anexos

Anexo A – Guião auxiliar para a primeira entrevista narrativa

- 0- Enquadramento institucional da entrevista, explicar o teor da mesma, o objetivo, finalidade, anonimato, etc. Obter a autorização expressa para a entrevista
- 1- Faça uma breve apresentação sua, a nível pessoal (nome; idade; escolaridade) e profissional (situação profissional, breve percurso profissional).
- 2- Fale-me um pouco do seu contexto familiar: pais e/ou irmãos, profissões e modos de vida dos mesmos
- 3- Quais são as suas primeiras memórias (Tentar entender até quão atrás no tempo posso ir nas questões)
- 4- Fale-me dos seus tempos de escola (Qual a escolaridade; atividades curriculares e/ou extracurriculares; recreio/lazer)
- 5- Com que idade terminou os estudos?
- 6- Fale-me dos seus interesses de então?
- 7- Ingressou logo na vida profissional?
- 8- Como foi essa adaptação?
- 9- Fale-me da sua evolução na vida profissional (carreira, funções, cargos, etc.)
- 10- Como fazia a articulação entre o trabalho e família?
- 11- E com o lazer, como era essa articulação?
- 12- Fale-me um pouco do que gostava de fazer nos seus tempos livres.
- 13- Ao longo da sua vida considera ser uma pessoa atenta ao seu redor? (Notícias; eventos; acontecimentos; etc.)
- 14- Há algo que gostasse de realizar a nível de lazer ou cultural, mas que por alguma razão ainda não o fez?
- 15- Quando foi a última vez que se envolveu na cultura? Pode ser algo tão simples como uma visita a algo patrimonial, ou romaria.
- 16- Qual a razão da visita?
- 17- Gostava que a sua resposta fosse diferente?
- 18- Elabore.
- 19- Considerações finais sobre o tema.
- 20- A entrevista está a terminar. Haverá algum aspeto que considere relevante que queira referir e que antes não foi abordado?

21- Eventualmente poderá surgir a necessidade de abordar algum tema novo ou aprofundar algum aspeto. Se isso suceder estará disponível para nova curta entrevista?

NOTA: As próximas entrevistas pretendem expandir nas questões e respostas dos entrevistados acerca dos mais diversos pontos abordados na primeira entrevista.